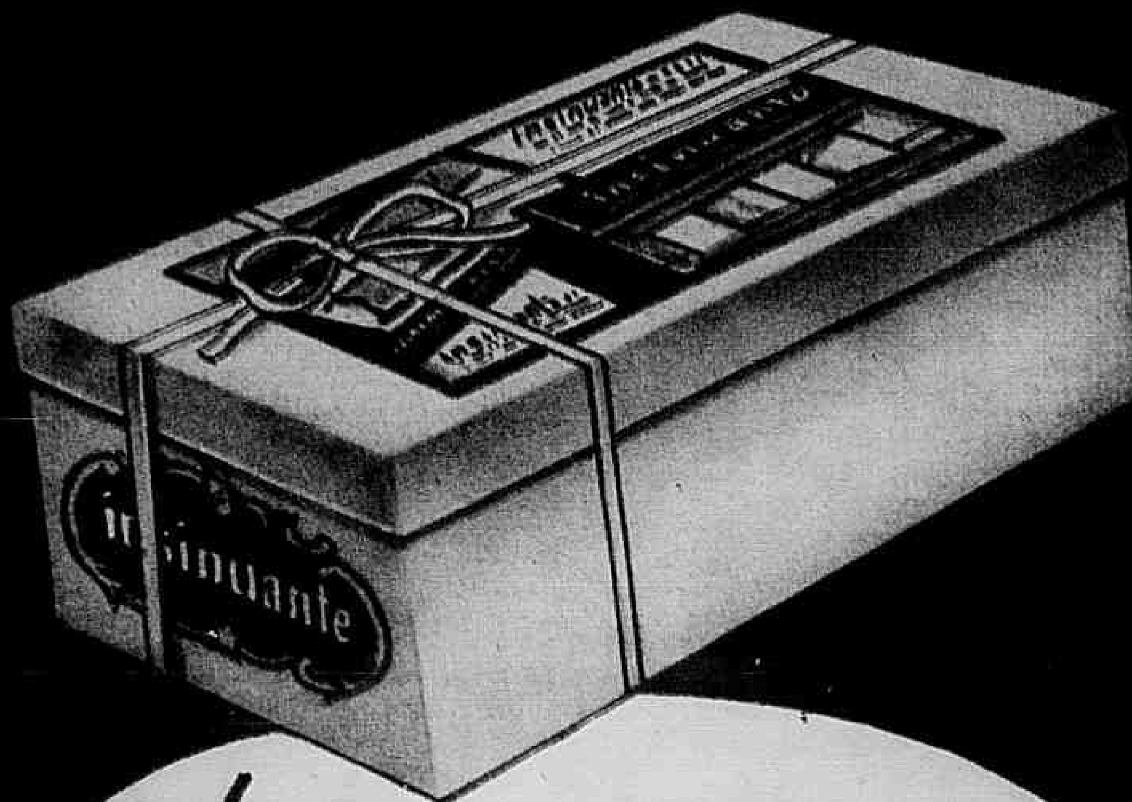
A CENA MUDA

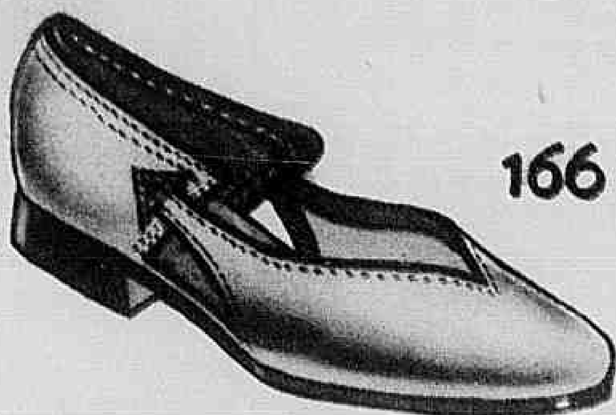


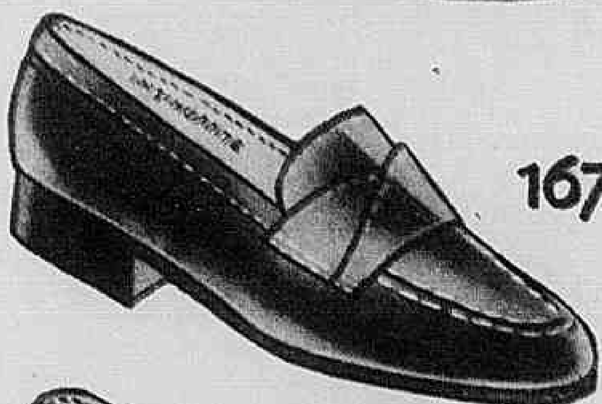
Nº 51 ★ 16-12-53
Cr$ 4,00 em todo o Brasil





Um **PRESENTE QUE É UMA JOIA!**







166 Cr$ 180,00 — Um sapato que é uma "Relíquia" Muito bonito! Tôdas as côres e combinações. Núm. de 32 a 38.

167 Cr$ 150,00 — A coqueluche da temporada! Lindo e resistente. Em beje, azul ou havana. Núm. de 32 a 39.

168 Cr$ 200,00 — Para cavalheiros que sabem se calçar! 100% confortável. Salto de borracha. Núm. de 37 a 44.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par. 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA 46-48 - SETE SETEMBRO, 199-201

A
CENA
MUDA

Nº 51, em 16-12-1953

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

As celebridades e o «star system» 4/ 5
Por todo o mundo 9/11
Os grandes filmes do oeste americano 16/17
As «estrêlas» na intimidade 24/25
Cena final 28

SESSÕES PERMANENTES

Imagens em novela 18/21
Cinema brasileiro 22/23
Segredos do cinema 6/ 7
«Ballet» 12/15
Teatro 31
Cena radiofônica 30
Disco-novidades 31
Página do leitor 32/33
Cine-respostas 30
Comentário semanal 3

FOTOGRAFIAS ESPECIAIS

As grandes «estrêlas» do cinema 8
Lori Nelson 29

A NOSSA CAPA

MARLENE DIETRICH, uma das grandes «estrêlas» de todos os tempos do cinema.

★

Fundada em 1921

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Osvaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00

Apresentação

No primeiro número, que tenho o prazer de orientar para A CENA MUDA, apresento as minhas modestas homenagens. Trago alguma experiência cinematográfica e jornalística. Sem qualquer idéia de presunção, devo falar sôbre o pouco que tenho realizado.

Por quase um decênio, dirigi a seção de cinema de "A Noite", Durante mais de cinco anos assinei duas colunas no extinto matutino "A Manhã": cinema e teatro; por dois anos, fui o responsável pela seção de música de "Fôlha do Rio".

Colaborei, em diversas revistas, em tôrno das várias artes a que tenho dedicado os meus esforços: "Cruzeiro" ("ballet"): "Fon-Fon" (cinema, teatro, "ballet" e música); "Carioca" (cinema e "ballet"); "Vitrina" (cinema) e, na própria A CENA MUDA, em meio do ano de 1944 (assinando a crítica cinematográfica com as iniciais O.M.O.) e, em 1949 e 50 (com duas seções isoladas: Cinema Brasileiro e Teatro).

Em 1951 tive ocasião de visitar a Europa e conhecer, particularmente em Londres e Paris, grandes meios artísticos e culturais referentes às minhas atividades. Em 1952, e também no corrente ano, observei outros centros da América do Sul: Buenos Aires e Montevidéu. Por ocasião dessas viagens escrevi, para a maioria das publicações acima, uma série de crônicas e reportagens, inclusive sôbre assuntos gerais.

Solicitado pelo cinema brasileiro, emprestei, também, o meu tributo com a direção de dois filmes. Tive, também, a sorte de idealizar dois festivais mundiais de filmes de "ballet" e folclore e contribuir para as suas realizações. O primeiro, em 1952, sob o patrocínio do ministro Simões Filho, Instituto Nacional do Cinema Educativo e Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal ("A dança através dos povos") e, o segundo, com o apoio do Teatro Municipal e Museu de Arte Moderna de São Paulo ("A dança e a imagem").

Não alimento vaidades em tôrno do pouco que tenho feito para a divulgação dessas artes. Tanto assim que considero imerecido o prêmio que recebi, em 1950, da Prefeitura Municipal, uma medalha, pelos diversos trbaalhos prestados. Espero, apenas que, algum dia, venha a fazer jus ao que foi conferido por estímulo e antecipação.

Convidado, encontro-me, agora, com exclusividade, em A CENA MUDA. Sempre tive vontade de conduzir uma revista. Através de um único meio de transmissão, caminhos paralelos — lutas em prol de várias artes — melhor poderão ser grupados. Eis, assim, o motivo porque, ùnicamente nesta publicação prosseguirei as minhas lides na imprensa.

Neste primeiro número, certamente, não poderia surgir a revista que idealizei. Entretanto, àqueles que, em outras publicações, me têm distinguido com um inestimável apoio ou aos novos e prezados leitores desta tão antiga revista brasileira expresso, em meu nome e, também, no do precioso corpo de colaboradores da revista e demais funcionários, a disposição geral de empregar os maiores esforços pelo seu crescimento.

OSWALDO DE OLIVEIRA (JONALD)



Greta Garbo: insubstituível.

OS GRANDES ATORES E O

A linha que separava heróis e vilões tornou-se imperceptível.

Havia virtude mas não inocência.

Marlene foi divinizada, e aparecia entre rendas e plumas. Harlow foi a «platinum Blonde», de vestidos assetinados. Era sedutora e provocante e, ao lado da beleza natural, requerida pelo tipo que criava, possuía, também, talento.

Houve então o congraçamento da virtude com o «sex-appeal».

Na próxima década de 1940 a epidemia da neurose e da esquisofrenia contagiou tôda Hollywood. Era a guerra. As jovens que se propunham a trabalhar para Goldwyn, por exemplo, eram submetidas a testes temperamentais, uma espécie de sondagem das suas condições psicológicas.

A manufatura de sêres humanos inevitàvelmente viria oferecer um grande contraste entre o natural e o sintético.

A estandartização e o artificialismo do «star system» viria conseqüentemente criar seus próprios antídotos.

De 1930 para cá surgiram Bette Davis, Greta Garbo, Crawford, que constituíram a elite, logo após Gaynor, que era a inocente provinciana, e as senhoras elegantes como Norma Shearer e Kay Francis. Carole Lombard, a comediante satírica, aparece secundada por Irene Dunne, Claudette Colbert e Jean Arthur.

A coqueluche infantil da época: Shirley Temple, que acumulou uma colossal fortuna, graças ao imenso sistema de publicidade. Shirley tornou-se o modêlo

A EVOLUÇÃO DO MUNDO REFLETE-SE NOS SENTIMENTOS DA TELA ★ DAS HEROÍNAS ANGELICAIS OU «ASTROS» ROMÂNTICOS A UMA OUTRA ERA ★ O QUE CONSTITUI O «STAR SYSTEM»?

O «star system» é a identificação do «astro» com uma determinada espécie de papel. Enfim, é a eterna busca com a harmonia dos tipos. Todo «astro» ou «estrêla» de Hollywood está implicado, de algum modo, com o «star system». Não direi com isto que nem todos tenham lutado contra um tal estado de coisas. Graças ao «star system» ascenderam ao «estrelato» nulidades e foram sufocados verdadeiros talentos. Alguns dêstes, mal se viram diante das câmaras. Outros tornaram-se os eternos atores coadjuvantes: são os médicos; os «sheriffs»; os donos de bares isolados, das estradas semi-desertas; o amigo leal ou o inimigo renhido; o «gangster» violento ou o bandido finório; ou o francês que diz: «faite vos jeux, monsieurs!» nos «saloons» do Oeste.

Contudo, o «star system» revelou notáveis atores.

Entre os mais famosos criadores de «estrêlas», e conseqüentemente, de tipos estandartizados estão Hughes — que apresentou ao mundo a platinada Harlow — e Sam Goldwym, o mais conhecido dêles.

No tempo do cinema mudo, as telas se viam envolvidas por doces donzelas, angelicais como Lilliam Gish, maravilhosa no «Lírio Partido»; vampirescas, como Theodosia Goodman, que apareceu com o nome de Theda Bara. Foi a primeira «vamp» do cinema. Todo o público correu para ver aquela mulher, cujo nome se fizera conhecer da noite para o dia, de maneiras voluptuosas e olhar abrasador. Sucederam-na então: Nita Naldi, Mae Bush, Pola Negri, e tantas mais.

Os amantes latinos marcaram época, tendo à frente o famoso, inimitável e galante Valentino, cuja popularidade tornou-o, para o futuro, uma personagem de lenda.

Na França o cinema americano ganhava popularidade pelo seu exotismo.

Fôra iniciado o «star system» desde que o cinema tornara-se rendosa indústria. Tudo iria ganhar corpo e tornar-se-ia imprescindível com o advento do sonoro.

Cecil B-De Mille ia estender o culto às «estrêlas» com a criação do «sex-appeal».

Para atrair o público, as personagens deveriam ser adoráveis e acessíveis, desejáveis e merecedoras de tôda a simpatia. Assim, as «vamps» identificaram-se com as doces angelicais.

Vivien Leigh: poesia e dramaticidade.



STAR SYSTEM

De H. M., exclusivo para A CENA

de então. Seguiu-se a quase insuportável Margaret O'Brien.

Na próxima década de quarenta surgiram atrizes dramáticas tais como: Bergman, Olivia de Havilland, Vivien Leigh, Jennifer Jones, e Joan Fontaine. As pernas e os «sarongs» tornaram obrigatórios nos filmes de Betty Grable e Dorothy Lamour. Também apareceram as chamadas «louras incendiárias» como Lana Turner.

Crawford é a vítima inútil. Stanwyck é a maldade castigada, até a redenção, quando reconhece que o castigo é uma necessidade de justiça.

Laura inaugurou a presença enigmática.

Hoje a doçura de Pier Angeli tem como antônimo as Monroe e as Russell, possuidoras de boa frente para fazer frente às «Lolobrigidas».

Há quem diga que Angeli e Garbo têm um ponto de contato: «l'air d'une âme qui a recontré par hasard un corps, et qui s'en tire comme elle peut».

Quanto aos caracteres masculinos, encontraram mais estabilidade desde os amantes latinos, heróis atléticos, galantes bandidos, até os moços provincianos como Gary Cooper e James Stewart. Presentemente impera a moda do «whisky» e do sangue, as brigas de espada ou nos «saloons», onde «mocinhos» se batem pelas cantoras de vozes graves e ar prostituído, mas que são na verdade a incarnação da virtude.

Há também os impetuosos, violentos, que fazem pirataria e raptam as heroínas para roubar-lhes um beijo, seguido sempre de um sonoro tapa.

Burt Lancaster e Errol Flyn são violência e romance.

Mas há, também, atores que pertenceram a várias classes do «star system», como Crawford, que tem-se adaptudo à moda no cinema, ou uma Gloria Swanson que de banhista bonita chegou ao mais trágico e puro drama. Marlene é o próprio «glamour» e isto lhe bastaria se não fôsse uma excelente atriz.

Surge a televisão e, com ela, a concorrência para o cinema. Goldwin se propõe então transferir o «star system», para o «history system». É a era dos argumentistas.

Será a decadência completa ou o ressurgimento de Hollywood.



Marlene: surgiu entre rendas e plumas



Gary Cooper, herói para todos os sistemas, enlaça Lili Palmer.

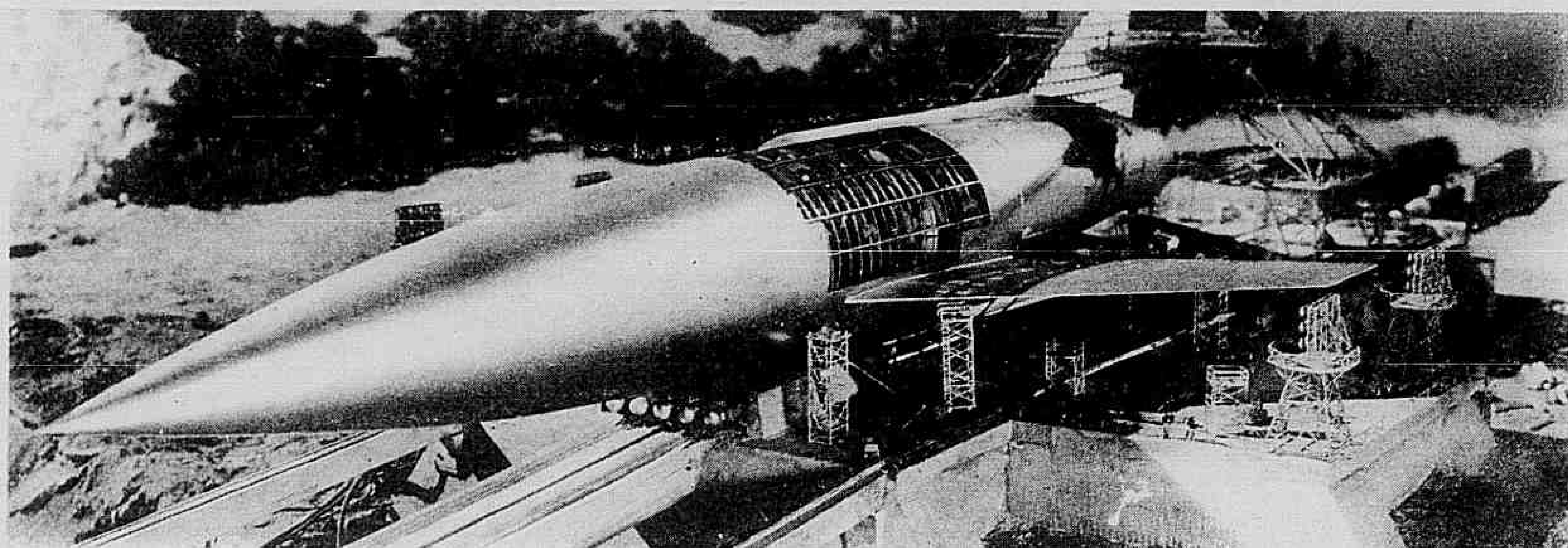


Theda Bara: ilustração do vampirismo de outrora.

SEGREDOS DA TELA (I)

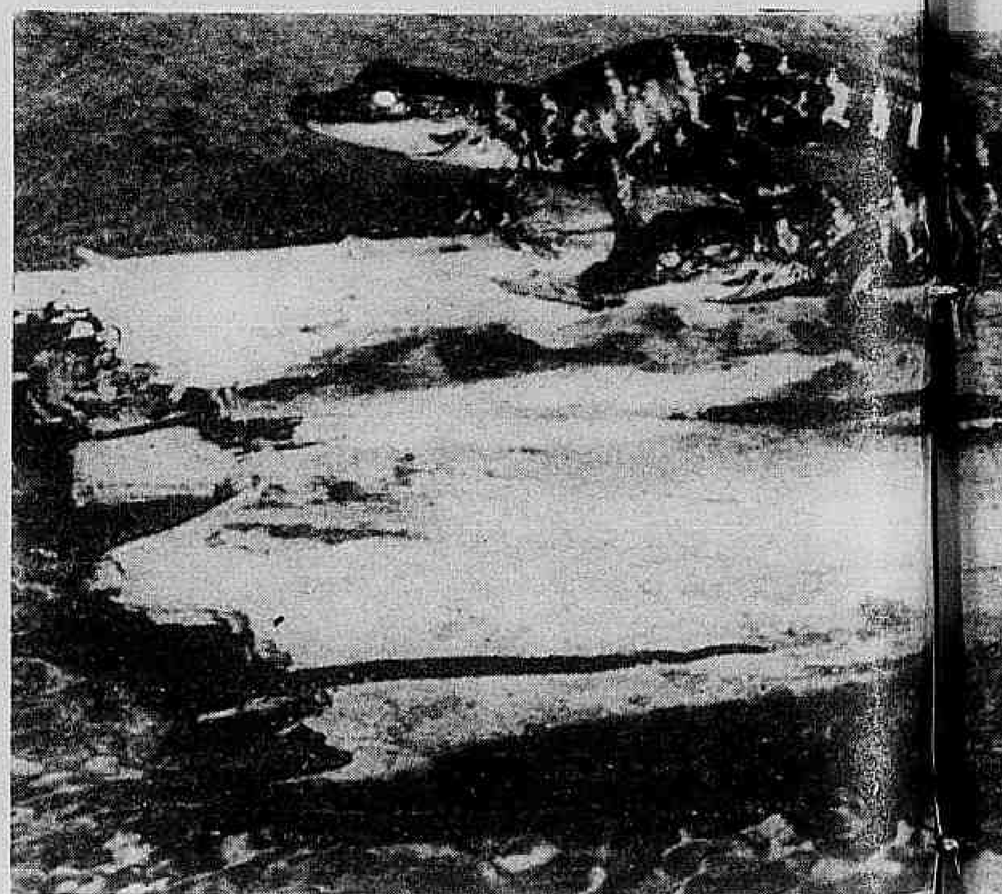
A PRIMEIRA SÉRIE DE PUBLICAÇÕES, ILUSTRADAS, EM TÔRNO DE MOTIVOS DE FILMAGENS — OS «MODELS», ARMA DE DOIS GUMES — OS«SÓSIAS» DOS VALORES DA TELA.

NO cinema americano chama-se «models». Entre nós, o melhor vocábulo será mesmo miniatura. São empregados em muito maior proporção do que geralmente imagina o freqüentador de cinema. Algumas são intuitivas, conforme se observará abaixo: o «models» de gigantesca aeronave que deixará a terra, em busca de outro planêta. Entretanto, em freqüentes tomadas à distância, sòmente um conhecedor do assunto poderá, muitas vêzes, indicar, com precisão (são rápidas as cenas) o uso de miniaturas. Embora os técnicos e laboratórios especializados, aliás muito bem pagos, conforme tivemos oportunidade de observar, o processo traz considerável economia aos estúdios. Antes de qualquer início de filmagem, uma das preocupações dos responsáveis pelas finanças é saber quantas cenas poderão ser empregadas com os pequenos «models». Há necessidade de absoluta precisão. Com qualquer defeito (e isto tem acontecido, conforme mais tarde veremos) o resultado poderá ser contrário e advir o ridículo.



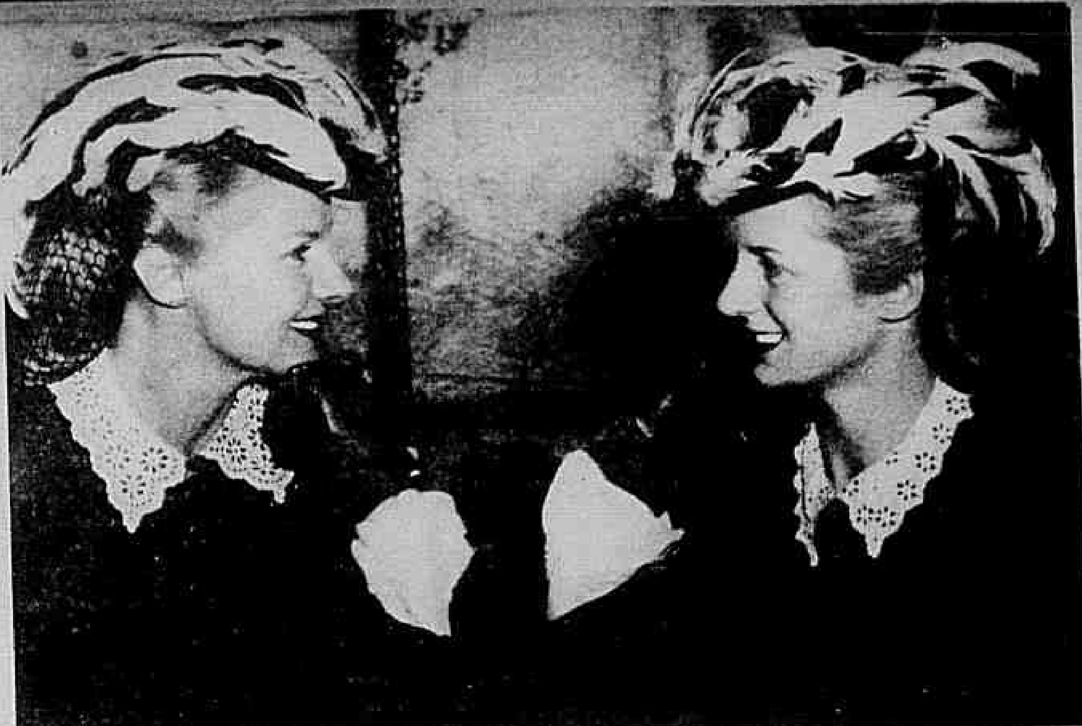
UM "MODEL" BEM EXECUTADO. FILME DA PARAMOUNT: "WHEN WORLDS COLLIDE"





Com um jôgo de lentes e posterior ampliação podem causar terrível «suspense» e, até mesmo, pânico em uma platéia, não habituada ao gênero terror. Entretanto, trata-se apenas de filhotes de uma das espécies de jacarés, filmados no preciso instante em que, após despontarem para a vida, deixam as respectivas carcassas. Esforçam-se a fim de encontrar a proteção das águas de um pântano, bem próximo. Trata-se da filmagem de uma das cenas de um dos novos filmes de Walt Disney, da série «Maravilhas da natureza» (RKO). As vigilantes câmaras de Alfred G. Millote e espôsa fotografam tôdas as minúcias em

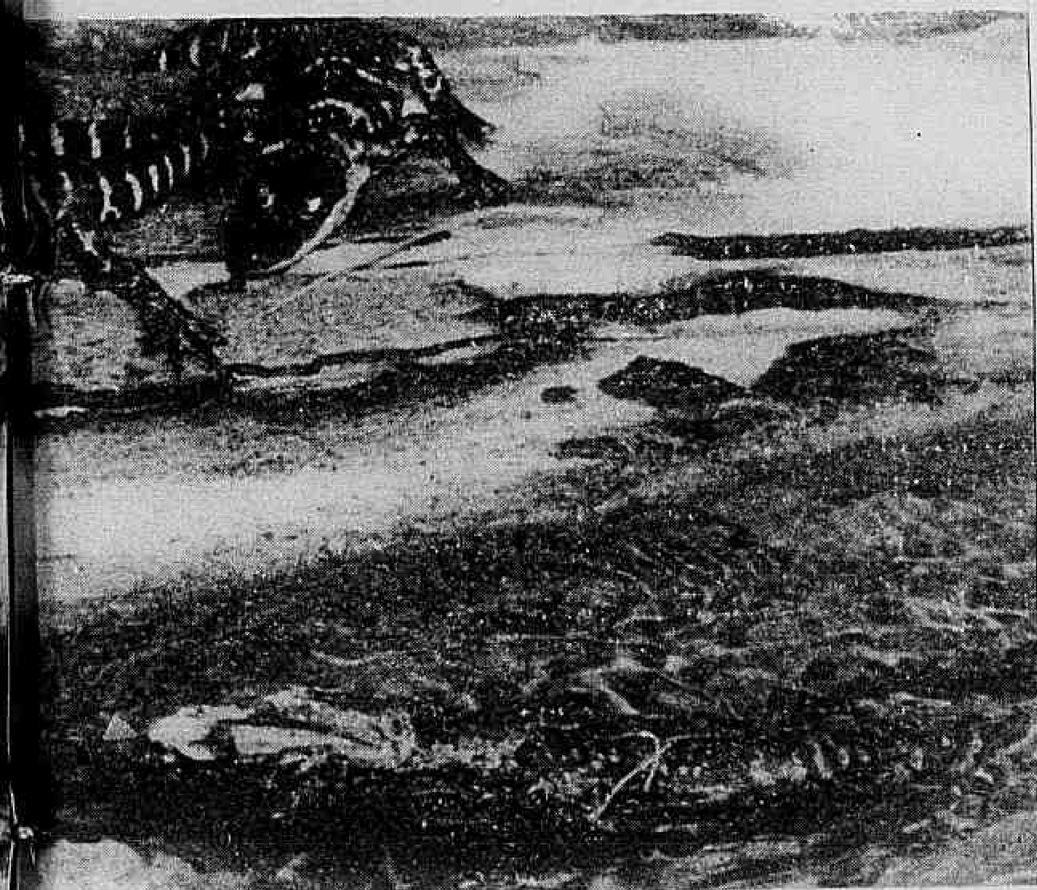


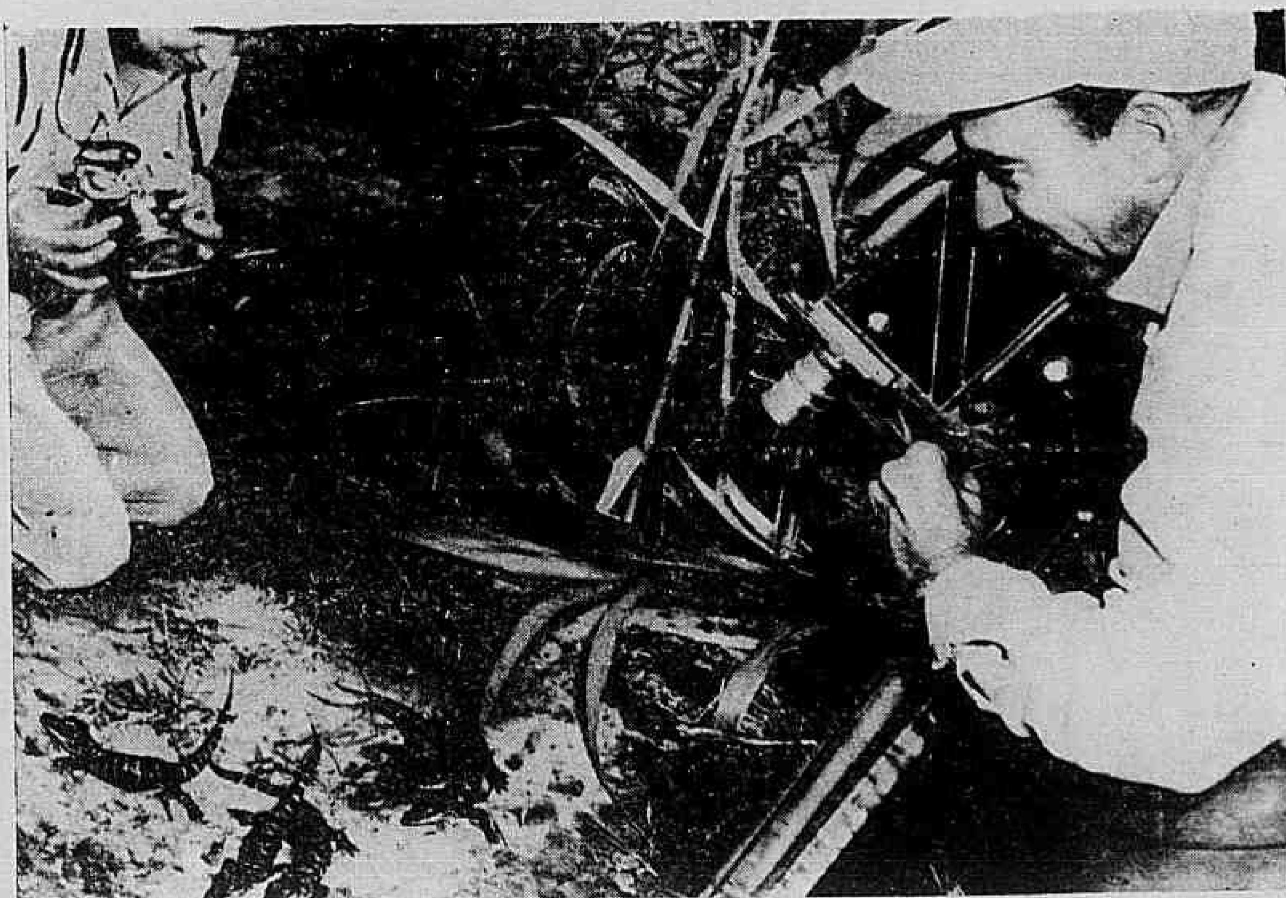


RARAMENTE os «astros» e «estrêlas» deixam-se fotografar ao lado dos «sósias». São êles que os substituem nas cenas de perigo, com freqüência em trechos de lutas e, geralmente, nos simples ensaios de luz. Desta forma livram-se as celebridades de muitos dos aborrecimentos comuns às filmagens, inclusive de enfrentar demasiadamente as luzes dos intensos refletores. Afinal, são heróis desconhecidos do cinema. Em várias circunstâncias têm ocorrido acidentes e, até mesmo mortes com os mesmos, embora nesses casos, se procure em geral, manter o caso em sigilo. Nas fotos acima as «sósias», exatamente com os mesmos trajes, altura e físico de Betty Grable e Ann Todd, desafiam as leis internas dos estúdios.

ENORMES «grues» são freqüentemente usadas em arriscadas filmagens duplas. Uma das máquinas está na escavação da montanha e a outra na «grue». Vê-se, também, um grande rebatedor da luz solar seguro por três homens, o diretor Raoul Walsh e diversos técnicos em ação.







tôrno das primeiras diabruras dêste gênero de crocodilianos que chegam a viver mais de 100 anos (quando não sucumbem em ferozes lutas, pela sobrevivência ou pela mão do homem). Reúne-se, assim, o útil ao agradável. As imagens tanto podem ser usadas como filme instrutivo quando vir a causar a ansiosa espectativa. O primeiro já possui título escolhido, «Prowlers of the Everglades». O segundo ainda está em mistério. Dependerá da oportunidade...



AS GRANDES "ESTRÊLAS" DO CINEMA

ANN SHERIDAN

A inesquecível protagonista de «Em cada coração um pecado», «Dois contra uma cidade inteira», etc., é uma das marcantes personalidades do cinema. Não tem tido a sorte de receber papéis à altura do seu talento mas a circunstância serve ainda mais para enaltecer os seus méritos. Tôdas as oportunidades que recebeu foram aproveitadas ao máximo. No instante preciso em que muitos chegaram a supor que a sua trajetória estaria prejudicada, ocorreu o contrário. Tôdas as referências que estão chegando são altamente favoráveis a sua conduta em «Appointment in Honduras», da RKO. Jacques Tourneur, que se celebrizou pelas suas direções em «Sangue de Pantera» e «O Homem Leopardo», parece ter encontrado um tema mais apropriado às suas tendências. O filme, rodado em Eastman Color inclui no seu elenco Glenn Ford e Zachary Scott.

Ann Sheridan em uma cena de «Appointment in Honduras».



POR TODO O MUNDO

(Serviços especiais para «A CENA», coordenados por H.B.)

HOLYWOOD

● Katherine Hepburn e José Ferrer ao que parece, entrarão num acôrdo: se Katherine estrelar "The Shrike" ao lado de José, êste será seu companheiro em "A milionária".

● Narriman, a ex-espôsa do rei Farouk, anunciou que um contrato cinematográfico em Hollywood poderia interessar-lhe. Habituada ao luxo, e condenada a viver modestamente, ela sonha com um ordenado fabuloso de "estrêla"...

● Depois de Lewis Stone e Nigel Bruce, falecem num intervalo de poucos dias, dois outros excelentes atores: Porter Hall e Millard Mitchell.

● Ginger Rogers declinou a oferta de fazer um "show" na TV ao lado de seu jovem espôso, Jacques Bergerac. "Eu não quero que digam que o meu Jacques deve seu sucesso aos meus esforços, exclusivamente", disse ela.

● Henry Hathaway iniciou as filmagens de "White witch doctor" (A feiticeira branca) de Louise Stinetorf. Susan Hayward e Robert Mitchum são os "astros" principais.

● Jean Negulesco dirigirá em cinemascope "Coins in the fountain" três episódios interpretados por Barbara Stanwick, Clifton Webb, Jeanne Crain, Louis Jourdan e Gene Tierney. O filme será rodado na Itália.

● Os diretores dos antigos filmes de Joan Harlow serão adquiridos pela 20th Century Fox, e Marylin Monroe filmará os seus antigos sucessos.

● Jean Negulesco depois de "Como casar com um milionário", vai rodar segundo o cinemacópio em Roma: "Trois pièces dans la fontaine". Atores: Clifton Webb e Vitorio Gasmann .

● Gregory Peck terá em Moby Dick o papel principal (depois do da baleia).

● Os estúdios da Paramount anunciam "Caravana para o Oeste", com Van Heflin e Allan Ladd.

● Mai Zetterling será a "partner" de Danny Kaye em "Knock on Wood".

● Bob Hope será "Monsieur Casanova" e Joan Fontaine uma de suas vitimas. Diretor: Norman Z. McLeod.

● A Warner anuncia "O duplo assassínio da rua Morgue".

● Ingrid Bergman interpretará "História de amor" ao lado de Gary Grant.

SUÉCIA

● Alf Sjoberg prepara seu décimo terceiro filme. Seu décimo segundo, iniciado em março de 1952, está em montagem final. Trata-se de "Barabbas", drama biblico extraído de um romance de Par Lagerkist, no qual Ulf Palme interpreta o principal papel. Seu novo filme é uma adaptação do drama histórico de Augusto Strindberg "Erik XIV".

Um outro drama de Strindberg "The crown bride" será levado à tela por Arne Mattsson.

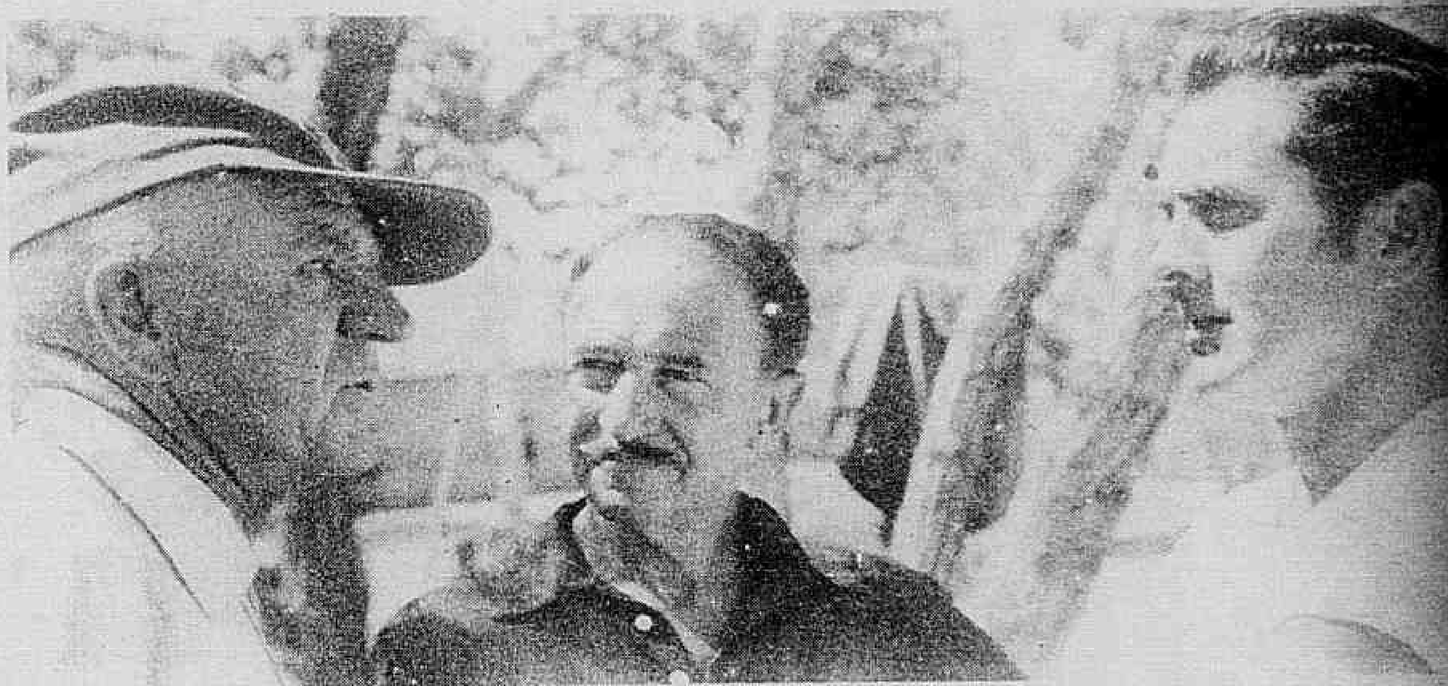
ALEMANHA

● Hans Albers volta ao teatro interpretando "Liliom" sôbre os palcos americanos.

Cabe agora aos cineasta alemãs realizarem um filme sôbre Rommel.



Eis o bronze (1º prêmio) que John Ford recebeu no Festival de Berlim, pela sua direção no filme da Republic: «O sol brilha na imensidade»



Tyrone Power e o diretor Henry King trocam idéias sôbre uma seqüência de «King of the Khyber Rifles», no processo Cinemascope, para a 20th. C. Fox.



Arlene Dahl foi eleita, recentemente, como a mais bela «estrêla» do cinema. Ao lado do seu maquilador, contempla uma das publicações que a distinguiram no referido concurso.





Pier Angeli e Ricardo Montalban, bons companheiros, visitam o «set» do diretor Norman Foster, no estúdio comum aos três, o da Metro.

FRANÇA

● Eis os filmes franceses em preparação: "Les aventures de Figaro", "Barbier de Séville" (com Luís Mariano e Carmen Sevilla), "Mam'zelle Nitouche" (Max Ophuls, com Fernandel), "Les hommes en Blanc" (René Clément), "Le prête ouvrier" (Henri Calef), "Les aventures d'Arsène Lupin" (Christian-Jacque, com Gérard Philippe), "Laffaire Maurizius" (Julien Duvivier), "Charmants Garçons" (Christian Jacque, com Martine Carol), "Don Quichotte" (Marcel Pagnol), "Le village Magique" (Le

Em uma filmagem de exteriores de «Mêdo que Condena» (RKO), maquilava-se Adele Mara quando foi surpreendida pela presença de Jack Elam, resultando, assim, uma diferente foto.

O telefone na Idade Média. Robert Wagner no intervalo das filmagens de «Prince Valiant», da 20th. C. Fox, palestra com um colunista.





Alan Ladd e Arlene Dahl, o par de «Legião do Deserto» (Universal), ladeando o diretor Joseph Pevney, assistem a uma filmagem.

Chanois, com Robert Lamoureux), "Le grand Jeu" (Robert Siodmack, com Gina Lollobrigida).

● A Cinemateca francesa faz um apêlo para que sejam encontrados três filmes que lhe falta para possuir a obra completa de Feyder. Façam a oferta senhores proprietários! Trata-se de "Visage d'enfant" (1923) rodado na Suíça, "L'image" (1924) rodado na Áustria e "Thérèse Raquin" (1927) rodado na Alemanha.

● Em exatamente seis semanas Jean Grèmillon realizou "L'amour d'une femme".

● Albert Lamorisse, realizador de "Bim" e "Crin-Blanc", rodará em côres: "Le marchand de Ballons".

● As fábulas de La Fontaine revistas e adaptadas por Pierre Laroche são o assunto de "Amants, heureux amants".

● Depois de "Três Mosqueteiros", André Hunebelle pensa em fazer um "Cadet Roussel" e um "Monsieur de La Palice".

● Gary Cooper será sem dúvida o partner de Gisèle Pascal em "Les Pyrénées son là", co-produção Franco espanhola.

● Françoise Arnoul, a sensação de "Tormentos do desejo" partiu para Roma para encarnar, numa nova versão de "Orage", o papel há 15 anos desempenhado por Michèle Morgan. Raf Vallone fará a parte que cabia a Charles Boyer.

● Maud Max Linder, filha de Max Linder, pretende realizar um filme sôbre seu famoso pai.

● Depois da Legião de Honra, Fernandel recebeu a Medalha da Cortesia francesa.

● Fala-se na possibilidade de Mel Ferrer interpretar, em Paris, um filme sob direção de Cocteau.

● "Au diable la vertu" (Ao diabo a virtude), interditado unânimemente pela censura há quatro meses, foi liberado e está agora sendo exibido em Paris e no estrangeiro. É um filme de Jean Laviron, professor desde 1944 do Instituto de Altos Estudos Cinematográficos (I. D. H. E. C.).

INGLATERRA

● "Le journal d'un Curé de campagne" agrada em Londres, mas Don Camilo triunfa.

JAPÃO

● Na segunda quinzena de outubro teve lugar em Tóquio uma semana do filme francês.

ÁFRICA DO NORTE

● A União de Crítica de Films da Algéria assim distribuiu os prêmios anuais aos filmes ali apresentados na temporada de 1952-1953: melhor filme francês: "Les vacances de M. Hulot" de Jacques Tati. Melhor Filme estrangeiro: Hashomon de Akira Kurosawa. O melhor filme apresentado nos clubes de cinema foi "La passion de Jeanne d'Arc" (1929) de Carl Dreyer.



Artistas que gostam de brincar. Anne Francis e Charlotte Austin, acompanhadas de Mr. Dalmation, correm as ruas do estúdio, por ocasião da filmagem do filme em Cinemascope «Prince Valiant», da 20th. C. Fox.

ITÁLIA

● Victor Pohlen está realizando na Itália uma "Helena de Troia" com Heddy Lamar, para a televisão americana.

MÉXICO

● Yves Allégret deverá dirigir no México com Michèle Morgan como intérprete e Figueroa como fotógrafo, um cenário Jean-Paul Sartre, "Typhus", adaptado por Jean Aurenche e Pierre Bost.

● Fernandel interpretará nada menos de seis papéis em "Le mouton a cinq pattes", uma história de Albert Valentin adaptada e dialogada por Barjavel, e que será dirigida por Henri Verneuil. O grande comediante fará o papel de um pai e seus cinco filhos, quíntuplos outrora célebres, que chegaram aos quarenta anos.



Dois «astros» se encontram: Errol Flynn, que terminou «Minha espada, minha lei», encontra-se com George Raft, no estúdio da Warner Bros.

BALLET DO IV CENTENÁRIO

PELA PRIMEIRA VEZ, SÃO DIVULGADOS OS PROGRAMAS E ELENCOS DA TEMPORADA ARTÍSTICA DO "BALLET" DO IV CENTENÁRIO — A BENÉFICA INFLUÊNCIA DO MAESTRO MILLOSS NA EXPANSÃO DESTA ARTE EM SÃO PAULO — CONGREGADOS GRANDES VALORES, A MAIORIA ATÉ ENTÃO AUSENTE EM COLABORAÇÕES AO "BALLET" — O RESPONSÁVEL PELO RENASCIMENTO DO "BALLET" ITALIANO, AURÉLIO MILLOSS, CONTA À "CENA" AS PRINCIPAIS FASES DA SUA CARREIRA

Por JONALD, exclusivo para «A CENA»



Duas das quatro primeiras bailarinas do elenco: Edith Pudelko e Lia Dell Ara, a bailarina italiana que o maestro Milloss trouxe para o Brasil.



Em cima: em frente ao espelho, um tema esplêndido para composições fotográficas, ensaia um valoroso grupo de integrantes do «ballet» do IV Centenário. — Em baixo: Edith Pudelko emagreceu suficientemente e encontra-se na melhor fase da sua carreira.

São Paulo apresenta um animador panorama em tôrno da grande arte do "ballet". Foi necessário que a grande cidade viesse a completar mais um centenário a fim de que os homens públicos se lembrassem de apoiar o desenvolvimento da dança acadêmica. Esforços de competentes mestres não faltavam, inclusive de Maria Olenewa, que, após atuar com destaque no Rio, de há muito presta os seus conhecimentos à capital bandeirante. Entretanto, as dificuldades dos que lutam com cursos particulares não eram suficientes para a necessária profissionalização da arte. Valores artísticos não faltavam e a prova está na magnífica coletânea de valores que foram grupados, após concurso, no elenco do "ballet" do IV Centenário.

Impunha-se ouvir, em São Paulo, a palavra do maestro, coreógrafo e responsável geral pela organização da

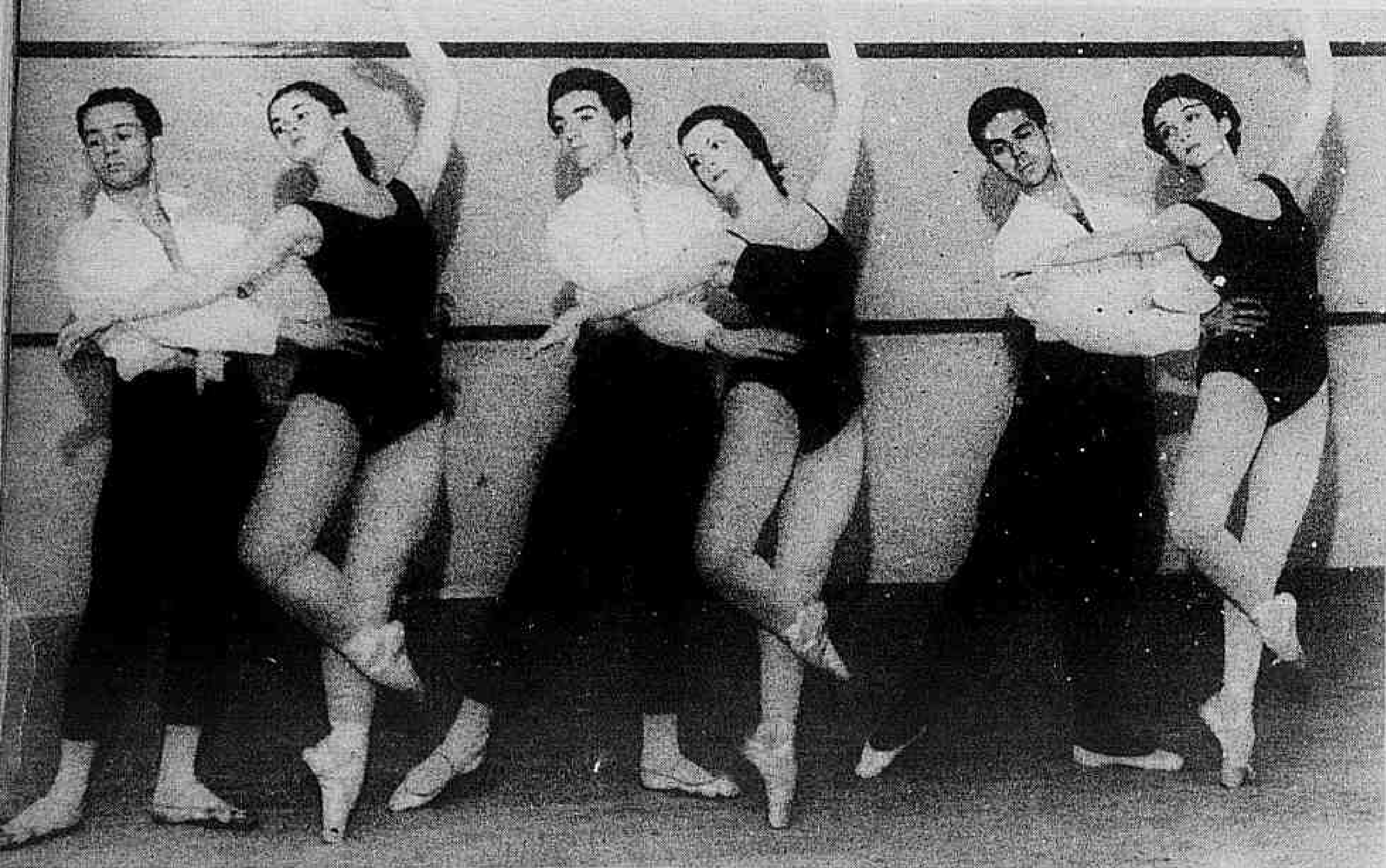


novel instituição oficial de bailados: Aurélio Milloss. No decurso da repetição, em São Paulo, do 2.º Festival Mundial de Filmes de "ballet", "A dança e a imagem" (cujo êxito será alvo de uma outra reportagem, a seguir) tivemos oportunidade de conhecê-lo. Aliás, o maestro, de grande renome internacional, colaborou no Festival realizando, no encerramento do mesmo, uma magnífica palestra sôbre os filmes apresentados e sôbre problemas da arte da sua especialidade.

Do conjunto de longas entrevistas e estudos, uma circunstância é necessária distinguir inicialmente. O maestro Milloss está, decididamente empenhado, com a alma de um artista e não como um coreógrafo profissional, a muito fazer pelo desenvolvimento da arte no país. Sentimos o empenho, a fundo, de todos os necessários fatôres. Outro motivo de



Edith Pudelko descansa após uma laboriosa prática. Grandes oportunidades estão reservadas à sua versatilidade artística.



real destaque e, sempre esquecido pelos mentores da Comissão Artística e Cultural do Teatro Municipal, do Rio, é a busca de novos e reais valores do nosso meio artístico.

Milloss já conseguiu, em São Paulo, uma grande vitória. Reuniu extraordinários elementos dos meios culturais e artísticos do país que, até então, jamais tinham sido solicitados a colaborar. Afinal, "ballet" em companhia organizada, representa árduo trabalho de equipe. Sem o grupamento de valores capazes, sem a busca de novas fontes de inspirações, é impossível evitar a redundância. Naturalmente, teve de superar barreiras a fim de obter os recursos necessários para êste fim. Para que se tenha uma idéia do assunto, nada como analisar, adiante, a magnífica relação dos técnicos e artistas que colaboram nos bailados, e, também, aproveitamos a oportunidade para divulgar, em primeira mão no Brasil, os definitivos quatro programas organizados, com os respectivos intérpretes.

O espetáculo inaugural terá lugar em julho e será, precisamente, a primeira festividade a iniciar a parte artística das comemorações do IV Centenário. No primeiro programa, a outra concepção cenográfica para o Passacaglia, de Bach-Portinari (uma bailado) será o número inaugural, com Edith Pudelko na figura principal. Seguir-se-ão "Petrouchka", com Lia Dell'Ara, o próprio Milloss, Eduardo Sucena, Paulo Leandro e outros, música de Strawsky-Burle Marx; "Indiscrições", de Jacques Ibert-Eduardo Anahori, com desempenhos de Addy Addor, Raul Severo, Lia Marques e Michel Barbano; "Fantasia brasileira", com partitura especialmente composta por Burle Marx e cenografia de Noemia Mourau, "ballet" narrativo, com Juan Jiulliano e todos os elementos, sem exceção, do conjunto, encerrará o 1.º programa.

O 2.º será aberto com "No vale da inocência", de Mozart-Quirino da Silva, com Addy Addor e Raul Severo nas figuras centrais; prosseguindo com "O mandarim maravilhoso", de Barto Lazar, com Lia Dell'Ara, Milloss, Ismael Guiser, Ricardo Abellan, Rinaldi Rinconi, etc.; "Lenda do amor impossível", com Di Cavalcanti librista e cenógrafo, simultâneamente, e inspirando-se na mitologia brasileira, com Edith Pudelko e Jurandir Pimentel e, encerrando, com "Loteria Vienense", de John Struss, cenografia de Aldo Calvo, com Raul Severo, Lia Marques e Eduardo Sucena.

"As quatro estações", de Verdi-Irene Ruchti, inaugurará o terceiro programa, com atuações de Edith Pudelko, Addy Addor, Raul Severo e Haroldo Morais; "Uirapuru", de Villa Lobos-Clovis Graciliano, com Lia Marques, Jurandir Pimentel e Eduardo Sucena; "O Guarda Chuva",

Ao centro, a solista Alzira Mattar, ladeada, entre outros, por Haroldo de Freitas, Leni e Eduardo Sucena.



Mais duas primeiras bailarinas, com um dos solistas do elenco. Addy Addor, que deixou, temporàriamente o Municipal, do Rio e Lia Marques

bailarino, com todo o programa de suas próprias coreografias. Obtendo êxito, foi contratado para a Ópera Estadual de Berlim como 1.º bailarino (1928), tomando parte em inúmeras excursões. Especializando-se na criação coreográfica foi contratado, em 1933, pela Real Ópera de Budapeste. Participou, em seguida, da mesma atividade em diversos países até radicar-se na Itália. Foi o diretor coreográfico dos Teatros Oficiais de Óperas de Roma e do Scalla de Milão. De tal forma conseguiu produzir na Itália que a imprensa mundial, unânimente, o consagrou como responsável pelo renascimento do "ballet" italiano. Nos últimos anos, não pôde se esquivar de emprestar a sua colaboração a outros países, como Paris, ("ballet" do Marquês de Cuevas), Londres, Madri, Amsterdam, Zurique, Cairo, Estocolmo e, inclusive, já havia colaborado na América do Sul, em Buenos Aires, entre os anos de 1948 e 1949.

Por todos êstes motivos que não se negou a emprestar o seu inestimável apoio à formação do grande conjunto do "Ballet" do IV Centenário. Tem dispensado o maior dos seus esforços e confia nos resultados. Embora trabalhando ininterruptamente, está satisfeito com o conjunto e criou grande afeição pelo nosso país.

Milloss, na festividade do encerramento do festival "A dança e a imagem", promovido pelo Museu de Arte Moderna, teve ocasião de ser muito aplaudido pelo grande público presente ao Cine Teatro São Francisco, dissertando sôbre alguns temas que serão em breve ventilados nesta revista, na próxima reportagem sôbre os festivais internacionais de bailados.

um "ballet" representativo, com libreto de Osvaldo de Andrade Júnior e música especialmente composta pelo maestro Francisco Mignone. É a curiosa história de um guarda-chuva, em período pré-carnavalesco, em pequena cidade brasileira, no início dêste século, com Noêmia Wainer, Raul Severo, Yoko Okada e Noberto Nigro; "Bolero", de Ravel, libreto de Osvaldo de Andrade Júnior, com Lia Dell'Ara, com Djalma Brasil e todo o conjunto.

O quarto e último programa terá início com "Deliciae Populi", de Scarlatti-Casella, um bailado burlesco, com cenografia de Santa Rosa, inspirado na "Commedie Dell' Arte", com Haroldo Morais, Iara e outras figuras do elenco; "Sonata de angústia", com a "Sonata para dois pianos", de Bella Bartoc (inédita no Brasil, como concêrto), com cenografia de Darci Penteado, desempenhos de Edith Pudelko, Lia Dell'Ara, Jurandir Pimentel, Eduardo Sucena e Gilberto Motta; "Caprichos", de Stravinsky-Toti Scicialoja, com Alzira Mattar, Juan Jiulliano, Lia Dell'Ara, Raimunda Carnaval, Tatiana Ievleva, Raul Severo, Elenita Rocha Freire, Leonor Orlanda e, encerrando a temporada, "Cangaceira", música especialmente composta por Camargo Guarnieri (por quem Milloss tem especial admiração), cenografia de Flávio de Carvalho e Edith Pudelko liderando o conjunto de 60 figuras.

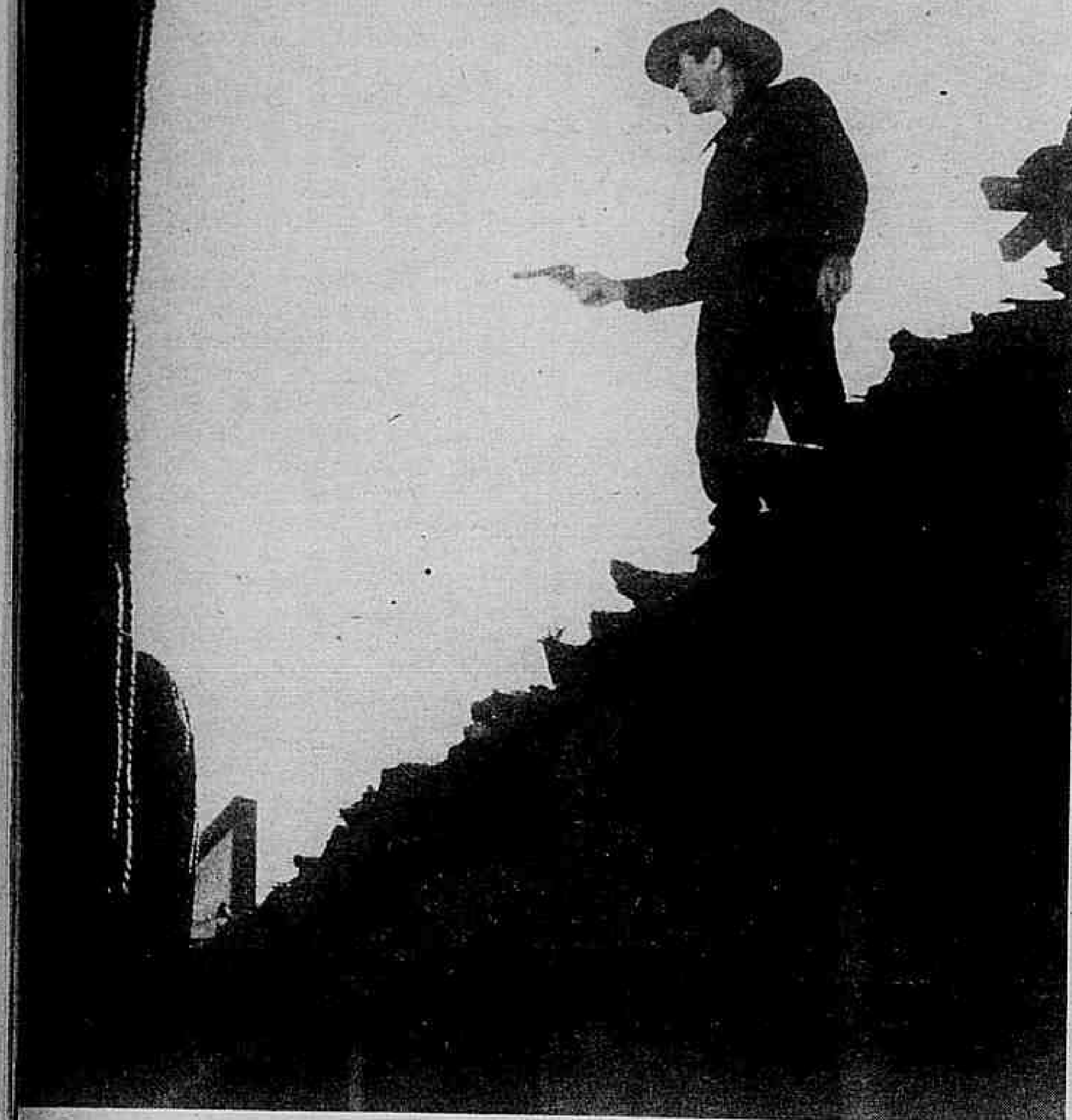
Outro aspecto de interêsse das palestras que mantivemos, em São Paulo, com o maestro Milloss, foi um relato biográfico da sua carreira. Nascido na Hungria, efetuou os seus estudos acadêmicos em Budapeste e Berlim. Em seguida cursou diversas artes, inclusive dança acadêmica, em Paris e Berlim. Praticou, também, a dança livre, embora ficasse fiel às bases clássicas. Guarda especial lembrança para o mestre Cecchetti, uma das glórias mundiais no assunto. Estreou em Berlim, em 1927, em recital de



Da mestra Maria Olenewa despontaram muitos dos integrantes do «ballet» do IV centenário e aqui está um grupo.

OS MAIORES FILMES

«Matar ou Morrer», um dos melhores «westerns» dos últimos anos



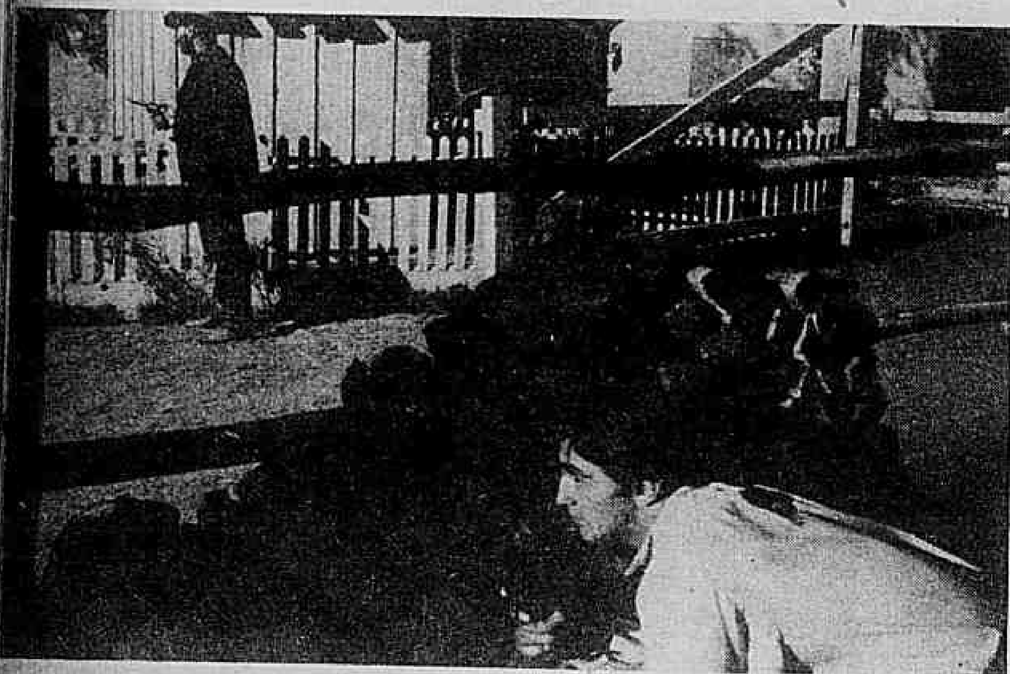
O agreste da paisagem do oeste servindo de motivos plásticos. Henry Fonda em «Paixão dos Fortes».



Randolph Scott, um dos populares «cow-boys» da tela.



«Sua única saída», um memorável «western», com Robert Mitchum no protagonista.





Gary Cooper, um dos mais perfeitos heróis dos filmes épicos do velho oeste.

UMA SINTESE DOS PRINCIPAIS FATOS LIGADOS AO GÊNERO "WESTERN" – DE BRONCHO BILL E TOM MIX À ATUALIDADE, COM OS GRANDES FILMES DE FORD E WELLMANN – CURIOSIDADES EM TÔRNO DE "PAIXÃO DOS FORTES" – A AMARGURA DO HOMEM PERSEGUIDO, UM TEMA QUE NÃO CESSARÁ JAMAIS

O velho "western", gênero tìpicamente americano, reúne tôdas as características nacionais necessárias a torná-lo internacional. O gênero é, ainda hoje, um dos de maior sucesso e dos que mais atraem o grande público. O cinema descobriu o "western" em 1903, com "The great train robbery" de Edwin S. Porter. O filme eletrizou as platéias do mundo inteiro e chamou a atenção dos intelectuais para as possibilidades do novo meio de expressão que surgia. Revelou ao mundo as paisagens do oeste inóspito e estabeleceu as bases de um gênero que sempre agrada. Ainda hoje, tudo guarda as linhas gerais do filme de Porter: já ali o interêsse estava construído nas perseguições, nos tiros, no assalto. O herói, o clássico "mocinho", tinha sempre a função de defender os oprimidos, sua bravura e galanteria atingindo as proporções das dos heróis medievais das Canções de Gesta. Eram os modernos cavaleiros andantes, que faziam triunfar a justiça nas planícies do oeste.

O primeiro dêsses nobres paladinos foi G. M. Anderson que apareceu em "The great train robbery" e depois fêz carreira com o nome de Broncho Bill. Em 1910 surge Tom Mix, o vaqueiro galante, o preferido das damas da época. Antigo aluno da Academia Militar de Virgínia, combateu nas Filipinas e na China, foi rancheiro e "sheriff" antes

DO OESTE AMERICANO

exclusivo para "A CENA" por L. BOLTHSALSER





Roy Rogers, um dos «mocinhos» que tentaram as canções como interlúdio.



A eterna macha pelas inóspitas paragens. John Wayne e Harry Carey Jr. em «She Wore e Yellow Ribbon».

de ingressar no cinema. Iniciou sua carreira por acaso, substituindo um falso "cow boy" numa queda dum cavalo. Mix gozou de grande popularidade, muito maior que a de Will Rogers, e fazia questão de aparecer elegante e bonitão, enquanto Rogers preferia ser, com todo o realismo, um homem do oeste.

Mas o maior dos "cow-boys", o tipo ideal do "herói americano", foi o insubstituível William-Shakespeare Hart, o Rio Jim, o "homem dos olhos claros". William S. Hart nasceu em 1876, em Newburg, de pai inglês e mãe irlandesa, que se estabeleceram em Dakota. Quando ainda menino, perdeu a mãe e ficou entregue aos cuidados de mulheres índias que o educaram. Cursou West Point e estêve depois em Londres e Paris, onde ocupou os mais diferentes emprêgos: foi guarda-cofre de um joalheiro e "boxeur". Voltou para Londres e ingressou no teatro. Sua companhia partiu em "tournée" nos Estados Unidos, e na Broadway, Hart é descoberto por Thomas Ince, que dirigiu a maioria de seus filmes: assim, nascia Rio Jim. A série começou em 1914, com "O juramento de Rio Jim". A partir de 1915 Hart aparece em filmes mais importantes, como "O Justiceiro". "Carmen do Klondyke" data de 1916, e foi assim saudado por Jean Cocteau em 1919: "Ince pode orgulhar-se, pois tal espetáculo se iguala, na lembrança, aos mais belos livros do mundo."

William Hart criou um tipo, e foi um dos primeiros atores de cinema, genuínos; dos que usam a máscara e os olhos para exprimir suas emoções. Sua popularidade correu mundo. Na França era considerado o tipo mais representativo do herói americano.

Em 1927 foi considerado o ator estrangeiro preferido dos operários de Leningrado, numa "enquête" ali realizada.

O primeiro grande diretor de "westerns" foi Thomas Harter Ince, o poeta do oeste. Filho de atores, já aos

(Cont. na pág. 34)

Henry Fonda e Cathy Dows em «Paixão dos Fortes», um belo trabalho de John Ford.





John Wayne, outra legendária figura para os épicos

NOVELA DAS IMAGENS



Sem maldade ou reprovação, desnudaram os seus corpo

ELENCO

Kerstin
ULLA JACOBSSON

Goran
FOLKE SUNDQUIST

Anders
EDVIN ADOLPHSON

Sigrid
IRMA CHRISTENSSON

Berndt
COSTA GUSTAVSSON

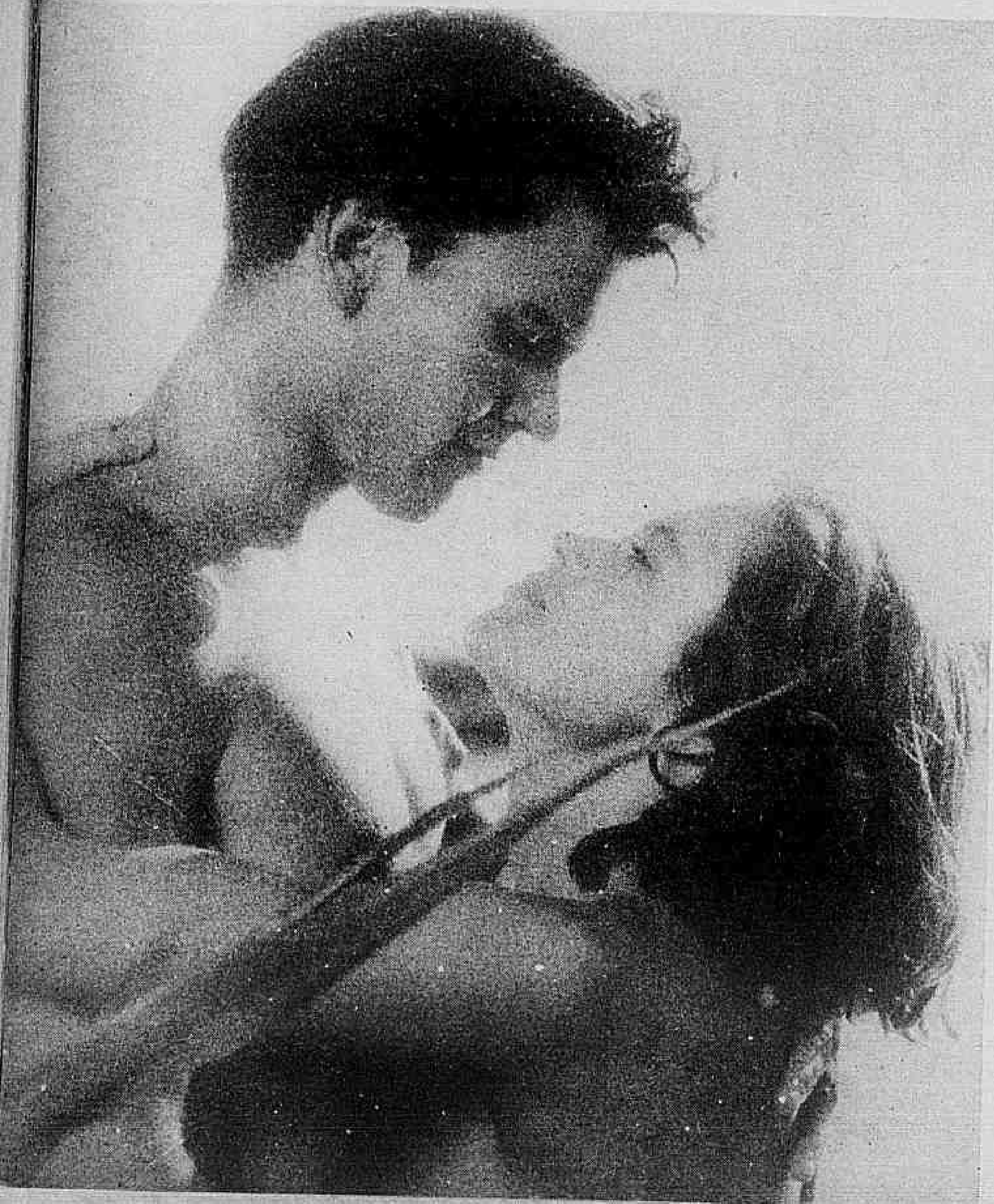
Prasten
JOHN ELFSTROM

Anna
BERTA HALL

Torsten
ERIK HELL

Nisse
NILS HALLBERG

ÉPOCA: Atual; AMBIENTE: Pequena cidade do interior da Suécia



Novelização através das imagens, exclusiva para «A CENA».

O túmulo aberto, com a terra ao redor. Bem próximos, camponeses, trajando vestes de luto, ouviam, amargurados, a voz do pastor da aldeia:

— «Por que êste sacrifício? Só Deus o sabe! A desgraça e a morte recaíram sôbre uma moça, ainda em flor, inocente vítima da nossa época. Tratar-se-á de uma advertência divina? Um meio de recordarmos que o Destino será imperdoável com os extraviados e os frívolos? Está escrito: «aquêle que desviar uma de minhas ovelhas . . .»

Enquanto o pastor pronuncia as suas palavras, de mágoa, não perde de vista um jovem que acaba de chegar ao cemitério. «Facies» em tumulto, a desolação estampada, não pôde conter os sentimentos ao ouvir a dureza da oração fúnebre. Rompe em soluços, diante de todos, e se afasta, alucinado, em direção aos arbustos que cerceiam o ambiente.

Cada vez mais, aceleram-se os seus passos e corre, desordenadamente, em busca de um lago, próximo ao cemitério. Busca um rústico embarcadouro e contempla a água que, suavemente, ondula, sob a carícia da brisa. Passa, da terrível realidade, de poucos minutos atrás,

O afeto, sem destemor, afronta tudo e todos.

Última Felicidade

FICHA TÉCNICA

Adptação da obra de Per Olof Ekstrom, distinguida com o «Grande Prêmio da Novela Nórdica», de 1950. Filme sueco, da Nordsk Tonefilm. Direção de Arne Mattsson. Roteiro de W. Semitjov. Música de Sven Skold. Fotografia de Goran Strindberg. Premiado em Cannes, 1952, pela melhor partitura musical e em Punta Del Este, no mesmo ano, com a melhor fotografia. Distribuída no Brasil pela França Filmes.

...s corpos e nadaram nas tranqüilas águas do lago.

para a atmosfera interior do passado. As evocações dos pensamentos partem de um sussurro que parece emergir do sutil movimento das águas . . .

— «Goran, não me esqueças. Meu nome é Kerstin.»

Iniciava-se o verão quando a história começou. A época em que a Suécia converte sua longa noite de inverno em joviais e claros dias. O período em que o amor cresce e brota com o afã de vida, por saber que é efêmero. E foi no último verão nórdico que despontou, também, o amor entre Goran e Kerstin.

Goran acabava de formar-se bacharel. Para recompensar os seus estudos, o pai permite que passe as férias em pequena localidade, no campo, na residência do seu tio Anders. O jovem não se aclimatava ao excesso de puritanismo que pairava na região. Sentindo as suas dificuldades, de ambientação, o tio procura distraí-lo, com as tarefas do campo. Goran não sente a menor inclinação por êsses afazeres mas, certo dia, muda de idéia. Em meio das moças que auxiliavam a colheita, avista uma jovem de encantadora simplicidade. E, foi assim que conheceu Kerstin.

As primeiras palavras de Goran foram para indagar como se divertia a mocidade da aldeia. E ficou surprêso em saber que dividiam os folguedos entre danças (apenas no verão) e representações teatrais. Entretanto, a ela, os pais não permitiam que dançasse.



«Goran, não me esqueças. Meu nome é Kerstin...»



Tranqüilidade



Idílio



Beijo

Surgiu o idílio porque, entre tantos outros motivos, Goran sentia a pureza dos seus olhos, sòmente comparável a dos grandes lagos das montanhas. Embora esta fôsse a atmosfera com que despertou o afeto entre ambos, não deixou de muito preocupar a tia do bacharel, com o seu sentido de austera solteirona. No seu entender, a diferença de posição social entre ambos, constituía um atentado aos rigorosíssimos costumes da aldeia.

Prepara-se a juventude do local para uma representação teatral, na Escola Paroquial e Anders, o tio de Goran, oferece a sua garage a fim de servir de palco aos ensaios. Kerstin recebe um papel na peça e o seu admirador entusiasma-se com a perspectiva de representarem juntos. Entretanto, a jovem mostrava-se contristada naquela tarde. Quando chegasse o outono, êle não mais estaria no campo. Procura Kerstin terminar a amizade que crescia e deixa a companhia do jovem, refugiando-se em um bosque, próximo ao rio. Não se conforma Goran com o acontecido e vai ao seu encalço e a encontra atemorizada com a presença de um demente, Torsten, protegido e criado por seu tio.

Aquela era a noite considerada a mais bela da Suécia. Através do legendário culto, brilharia o Deus Febo até à madrugada. Embora a aldeia comemorasse efusivamente a data de São João, o par busca o refúgio dos prados, a quietude. Seguindo a atmosfera que se criava entre ambos, Goran beija-a calorosamente mas o resultado foi o pior possível. Kerstin, prêsa a autros princípios, reagiu com violência, tanto física quanto em palavras:

— «Estúpido! Estragaste tudo!

E fugiu, ante a estupefação de Goran que, debalde, tentou acalmá-la.

Daí por diante Kerstin passou a evitar a presença do rapaz. Passaram-se semanas e, inclusive, aproximava-se o temido mês de julho. A ausência da moça a um dos ensaios da representação teatral foi o pretexto que levou Goran a procurá-la, na sua residência. Finalmente, Kerstin sentiu que não poderia fugir ao afeto e não mais reage às carícias do seu apaixonado. Porém, o idílio é surpreendido pela mãe da jovem que agride a filha,



Recordações de Kerstin



Violência (de outrém)



Desespêro



Dúvida

rudemente. E o pai levou mais adiante o castigo, desterrando-a para uma granja afastada.

Tôdas as convenções e recalques das duas famílias não foram suficientes para impedir a fôrça do amor. Muito ao contrário, quando Goran conseguiu localizá-la, êles compreenderam o inevitável daquele amor. Instintivamente, buscaram o isolamento das margens de um pequeno lago, perdido no campo. Sentiram-se mais intimamente ligados à natureza que os rodeava particularmente porque não subsistia qualquer sombra de maldade no sentimento de ambos. E, eis porque Kerstin recebeu, sem aviltamento, a proposta de Goran a fim de que se banhassem no lago, em meio de um suave entardecer. Sem nódoa e sem reprovação, desnudam os seus corpos, tanto quanto estavam as suas almas e, como um par de silhuetas, nadam nas tranqüilas águas do lago, onde brilha o sol da meia-noite.

Pouca após, sob o influxo do ambiente e da inevitável atração, uniram-se no amplexo do amor, sem vexame ou relutância. Entretanto, o arrebatamento não impediu a responsabilidade. Quando deixaram o lago, Goran decidiu afrontar a situação, levando-a à casa dos pais a fim de que permitissem o enlace. Regressam, felizes, conduzidos pela moto do rapaz quando, imprevistamente, surge um automóvel com excesso de velocidade. Forçado a difícil manobra, precipita-se a moto no declive da curva da estrada. Kerstin é atirada longe e cai sôbre uma pedra, fraturando a espinha dorsal. Debalde, Goran procurou, por todos os meios, atender à violência do choque. A inclemência do Destino levou, consigo, aquela frustada ventuda.

No pequeno ancoradouro de um outro lago, Goran recorda aquêles momentos já perdidos na eternidade. Há pouco era verão e tudo parecia esperanças. Agora, declinava também a natureza, juntamente com a sua amargura. Enquanto emergia dos pensamentos, não deixava de lembrar as últimas palavras de Kerstin, sempre envôltas em simplicidade, que ressurgiam em tênue sussurro, em meio das ondulações das águas:

— «Goran, não me esqueças. Meu nome é Kerstin» . . .



Os grandes encantos do amor

CINEMA BRASILEIRO

LUZ APAGADA







As 3 fases de um beijo

ELENCO	
TIÃO	Mário Sérgio
GLÓRIA	Maria Fernanda
DANIEL	Fernando Pereira
COMANDANTE	Xandó Batista
OLAVO	Ermínio Spalla
TENENTE	Sérgio Hingst

A pequena cidade do litoral vivia intrigada. Era profundamente misteriosa a vida levada pelo encarregado do farol, existente numa ilha, no outro lado do canal. Olavo, o faroleiro, (Ermínio Spalla) desde que sua espôsa havia perecido, em conseqüência da explosão de uma lancha, nunca mais viera à cidade. Sòmente sua filha Glória (Maria Fernanda), era vista na cidadezinha. Assim mesmo só conversava com Tião (Mário Sérgio), antigo companheiro de infância, que há pouco havia regressado do serviço militar, após quatro anos de ausência. Embora corressem as mais estranhas histórias em tôrno da vida na ilha, Tião, nas vêzes em que ia lá, atraído pela figura selvagem de Glória, não notava nada de anormal. O farol acendia suas lanternas regularmente e, em meio à fúria do mar, os navios passavam ao largo, com segurança. Um dia, porém, tudo mudou. O Comandante da Capitania (Xandó Batista) notificou Olavo de que ia enviar-lhe um ajudante. Glória desesperou-se com a idéia de um estranho ali, na ilha, e procurou, por tôdas as formas, convencer Tião de que tinham de se casar imediatamente, para que êle fôsse nomeado auxiliar de faroleiro. O rapaz porém não compreendeu por que motivos a bela filha de Olavo tencionava precipitar o casamento. Antes que se decidisse, chegou à ilha Daniel, (Fernando Pereira) o novo ajudante. Daí em diante a vida na ilha deserta tornou-se insuportável para seus três habitantes, completamente isolados do mundo e vivendo, assim mesmo, separados como por uma barreira invisível.

Sabedor de que Daniel vivia perseguindo Glória, com propostas amorosas, em certa noite Tião tem um violento choque com êle. Logo após terrível luta, desconfia de que Daniel voltou à ilha com intenções suspeitas e procura também atravessar o encapelado canal à bordo da lancha da Capitania, no que é impedido pelos guardas. A pequena cidade fica sobressaltada com as histórias que passam a correr e, na ilha, desenrola-se uma tragédia cujos detalhes são tragados pelo mistério da noite. Da costa ninguém percebe nenhum sinal de vida. Tião desespera-se com a idéia de que algo terrível aconteceu. Na realidade, mais tarde, fica-se sabendo que houve uma luta de morte na tôrre do farol. E, quando todos pensavam que não restara ninguém vivo, acendeu-se na escuridão a poderosa lanterna do farol, sinal de que Glória continuava viva, cumprindo o dever em lugar do pai. Tião pôde, então, ir ao seu encontro. Afinal, era aventura.











FICHA TÉCNICA

DIRETOR DE CENA	Carlos Thiré
DIRETOR DE FOTOGRAFIA	Bob Huke
OPERADOR	Jack Mills
EDITOR	Oswald Hafenritchter
MÚSICA	Henrique Simonetti
CENOGRAFIA	Pierino Massenzi

A CONTRIBUIÇÃO DE ANGRA DOS REIS

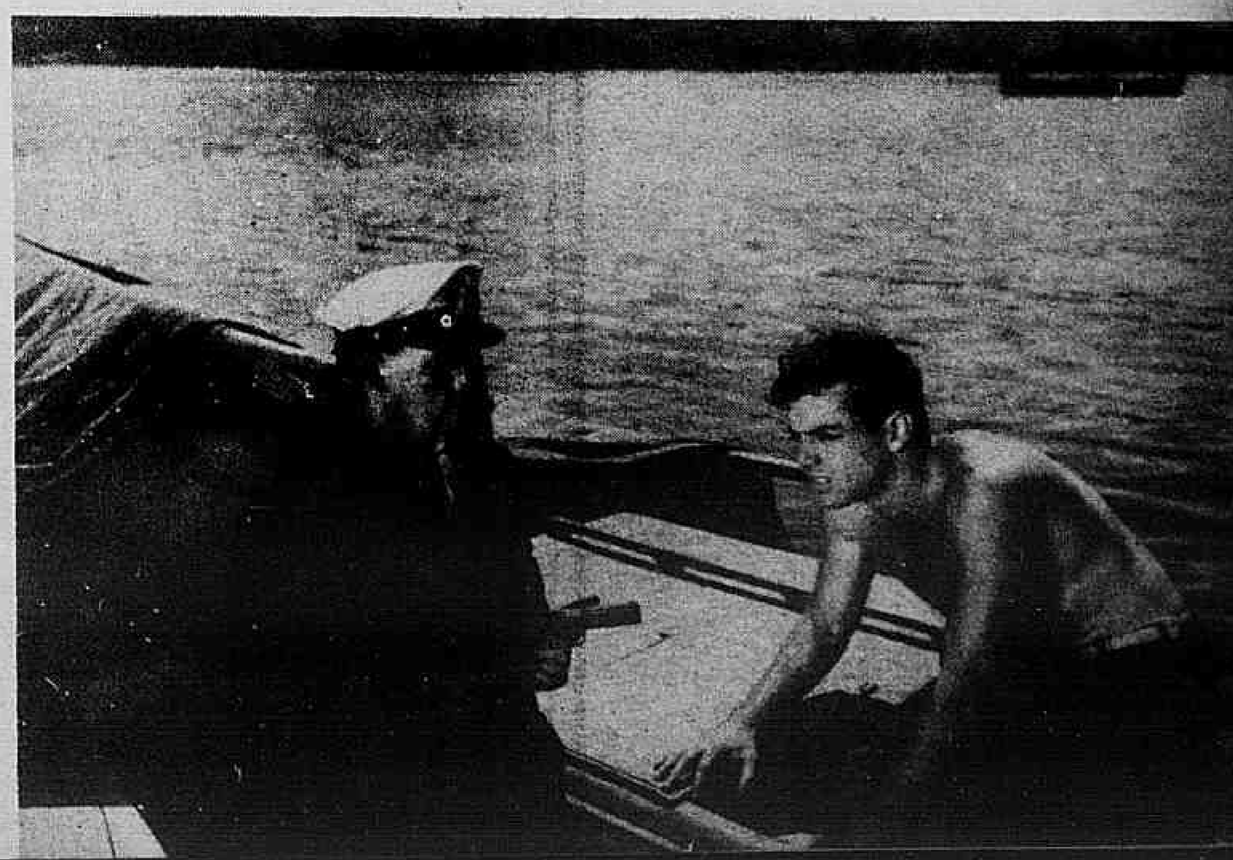
Angra dos Reis é um dos mais belos recantos do litoral fluminense. Numa paisagem acidentada, com inúmeras ilhas e ilhotas, enseadas e pequenas penínsulas. o oceano banha uma costa cheia de côres e de poéticas sugestões. O pequeno pôrto, a cidade com os restos coloniais, ruelas e velhas casas de balcões, as belas praias — tranqüilas, são recantos sugestivos para o cinema. A Vera Cruz rendeu-se aos encantos da cidade. E, certo dia. uma de suas equipes cinematográficas desembarcou em suas ruas. Com ela chegam caminhões repletos de estranhos aparelhos, lâmpadas, trilhos, refletores, tábuas, caixas, todo um maquinário complicado com o qual se fazem filmes. Alguns artistas famosos vieram juntos. Os habitantes da cidadezinha os reconheceram logo e passaram a admirá-los.



Certa manhã, a capitania dos portos recebeu uma estranha comunicação: havia sido descoberto um farol na estrada de Angra dos Reis com a luz apagada. As autoridades marítimas foram averiguar. temendo que o farol provocasse um desvio das rotas dos navios. Tiveram aquêles senhores a surprêsa de encontrar em pleno trabalho, numa pequenina ilha à saída do pôrto de Angra dos Reis a equipe filmando as seqüências da casa do farol da barra. onde atuavam Mário Sérgio, Maria Fernanda, Ermínio Spalia, Fernando Pereira, Xandó Batista, Sérgio Hingst e outros artistas. Um farol se erguera ao lado da moradia de seu guardião. A construção dêsse tipo, desenhada pelo cenógrafo Pierino Massenzi surpreendera os homens do mar. Os engenhosos eletricistas e carpinteiros da equipe, com habilidade, haviam instalado na cúpula da tôrre um refletor de 5.000, que girava tal como o poderoso facho de luz de um farol acêso. A ilhota de São João. anteriormente pousada e descanso de pescadores, transformara-se, provisòriamente, numa movimentada ilha de farol cinematográfico.

A produtora de São Bernardo encontrou por parte das autoridades e a população de Angra dos Reis a melhor acolhida. Todos queriam ser úteis. E puderam sê-lo. Necessitando de figuração para diversas de suas seqüências. centenas de habitantes se ofereceram expontâneamente para tomar parte nas filmagens. Uma das seqüências mais movimentadas do filme, uma quermesse popular, realizada à noite, mobilizou numerosa figuração popular. Enfim, a compreensão para o nosso cinema.













No intervalo de filmagem: Jane ao lado de Joyce MacKenzie e Mary McCarty, que figuram em «The Frech Line». ★ O produtor Harry Wilde presenteia Jane com um bôlo real e não cinematográfico. ★ O produtor Edmund Grainger e Arthur Hunnicutt visitam o «set» de «The French Line», da RKO. ★ Enfrentando o calor das luzes, para os «closes».

Jane Russell é das poucas "estrêlas" de primeira grandeza, em Hollywood, que ficou indiferente ao sucesso, à fama e fortuna. Sendo uma pessoa sincera, simples e modesta, sua personalidade fora da tela é bem diferente dos papéis de "vamp" que interpreta. Não tem qualquer afetação e sua vida privada é quieta, feliz e simples.

Jane nasceu às seis horas da manhã de 21 de junho, de 1921, e é a filha mais velha de Geraldine Jacobi Russell e de Roy William Russell. Roy Russell serviu no Exército durante a primeira guerra e quando Jane nasceu trabalhava no Canadá.

Os dois primeiros anos de Jane foram passados no Canadá, onde, conta que, frequentemente, dormia cercada de garrafas de água quente num berço, na neve. A família finalmente mudou-se para Burbank, Califórnia, em 1928, e então nasceram os quatro irmãos de Jane: Tom, Kenny, Jamie e Wally, os moços cresceram juntos no Vale de São Fernando. Jane estudou na "Joaquin Miller Grammar School" e graduou-se no "High School".

Sua ambição, nessa época, era ser figurinista: "Eu tirava más notas em matérias práticas, mas me saía bem no que se referia a música e arte. Escolhi a carreira de figurinista porque me parecia mais fácil", assim diz.

Em 1937, enquanto ainda estava no "High School", seu pai morreu e Mrs. Russell teve que tomar a responsabilidade de criar a família sòzinha. Mulher de profundas convicções religiosas, incutiu muitas de suas crenças nos filhos. Jane adotou sèriamente os ensinamentos de sua mãe, e continua a agir segundo preceitos ensinados a ela há anos passados.

Jane se graduou em 1939 e em 1940 partiu com sua mãe à procura de uma escola de desenho, onde pudesse completar a sua educa-



Brincando com as reses.



"estrêlas" na
...timidade de
...ane Russell

MARIA HELENA
...ial para A CENA

A «estrêla» e o diretor traçam planos. ★ Com Gilbert Roland, seu galã em «The French Line». ★ Com um vestido branco e um sorriso. ★ Com Mary McCarty ensaiando «The From Texas».









...ão profissional. Durante esta busca, elas foram ao Max Reinhardt's Theatrical Workshop, visitar uma amiga de Jane, esta visita resultou na sua estréia no teatro. Confessa que tirou pouco partido de seu primeiro contato com o teatro, mas a experiência interessou-a, abandonando seu antigo plano de tornar-se figurinista, foi contratada por seis meses por Madame Ouspenskaya.

Na escola de Madame Ouspenskaya sua ambição dramática aumentou. Depois de frequentar o curso, começou a servir de modêlo fotográfico. Lewis Green, um agente de atores, viu alguns de seus retratos e não perdeu tempo em procurá-la. Levou-a a Howard Hawks, que dirigia "O Proscrito" e o primeiro teste de Jane agradou. A aprovação de Howard Hughes não se fêz esperar. Em 1941, Jane Russell assinou um contrato que a faria ficar nas frentes da câmara por um ano inteiro, mas longe do público de cinema até 1945. A carreira que se apresentou diante dela, não a impressionou e continuou vivendo com sua família em Van Nuys. A única estravagância que ela se permitiu, foi comprar um Ford, adquirido com o seu primeiro cheque de pagamento.

Doze anos antes, Jane começara a sair com um simpático estudante da U.C.L.A., chamado Bob Waterfield. Na manhã de Páscoa de 1943, casaram-se em Las Vegas, Nevada. Nessa época "O Proscrito" já estava terminado, mas ainda não fôra apresentado.

Quando a fita finalmente foi estreada, Jane tornou-se a sensação do momento. A campanha publicitarária que precedeu-o familiarizou Jane com os fãs de todo o mundo.

Ainda sob contrato com Howard Hughes, Jane vive com seu marido e filhos adotivos, Tracy e Thomas Kavanagh. Seus irmãos estão trabalhando em construções no Arizona e Denver, Colorado.

Os amigos intimos de Jane não estão associados à indústria .cinematográfica. Muitos dêles foram colegas de escola. Sua vida pri-

(Cont. na pág. 34)

Jane é perfeita na montaria.



CARTAZES EM REVISTA

Cotações de "A CENA MUDA": De 0 a 5 pontos.

5 — Excepcional; 4 e 4½ — Ótimo e admirável; 3 e 3½ — Bom e muito bom; 2 e 2½ — Sofrível e regular; 1 e 1½ — Fraco; 0 — Inqualificável.

HISTÓRIA DE TRÊS AMÔRES

3

Espetáculo bastante satisfatório em conjunto. A primeira história, "Amor ciumento" dirigida por Gottfried Reinhardt, apresentação sofisticada do dramalhão de uma bailarina, tem todos os chavões habituais: uma artista genuína que sofre do coração e por isso desiste da carreira. Mas encontra o empresário de gênio (o ultra-presunçoso James Mason) que a "descobre" e, ignorando sua doença, faz com que ela dance. O final melodramático faria fúror há uns 20 anos atrás. Apesar dos defeitos a seqüência apresenta um "ballet" magnífico, muito bem filmado, e detalhes de verdadeira beleza, como o trecho em que Moira Shearer, no teatro vazio, começa a "ouvir" a orquestra e inicia um bailado.

"Mademoiselle", dirigido por Vicente Minelli, é impregnada de um humor sutil, que tem seus melhores momentos no encontro do menino com a feiticeira (Ethel Barrymore, excelente) e nas cenas do jardim, com Farley Granger e Leslie Caron. Esta não aparece tão bem quanto em "Lili", mas ainda assim está regular. Farley Granger, é ótimo tipo para o papel.

A 3.ª história "Equilibrium" é o grande "finale", cheio de suspense. A história dos trapezistas, narrada num ritmo excelente, vai num "crescendo" até culminar no número espetacular do trapézio. Kirk Douglas, bom ator como habitualmente. A delicada Pier Angeli, cheia de sensibilidade.

LÁGRIMAS AMARGAS

2½

Bette Davis retorna, fulgurante, neste filme da FOX. E o filme é Bette Davis, cujo talento e fôrça dramática salvam a película, que conta com um fraquíssimo "supporting-cast". Bette Davis se sente à vontade e tem plena liberdade de dar vazão a todo um caudal de sua imensa capacidade interpretativa.

A história conta-nos, mais uma vez, a vida de uma artista que perde pouco a pouco o antigo grande prestígio. para dar lugar às vulgaríssimas caras novas que hoje povoam Hollywood.

Habituada ao endeusamento falso com que a propaganda e conseqüentemente o público tributam às grandes atrizes' torna-se essencialmente egocêntrica e vive o drama de quem conheceu os píncaros dourados e ilusórios da glória e que cai no esquecimento. Descobre, entretanto, que a beleza da vida está no amor e no esquecimento de si mesma.



Moira Shearer dança admiràvelmente em «História de três amôres, mas a história de seu trecho é antiquada.

A direção de Heisler não desfaz, de maneira alguma, a impressão deixada com os seus fracos trabalhos anteriores entre os quais "Tulsa" e "Island of Desire" (A ilha do desejo).

O "script" de Albert e Eunson tem a personagem central valorizada apenas pela contribuição da grande atriz. A linguagem cinematográfica e fundo musical comuns.

DOCE INOCÊNCIA

1½

"Doce Inocência" é o segundo filme de Mitzi Gaynor exibido no Brasil. E só vale pela graça e vivacidade da bailarina. A história insulsa e descabeçada conta as peripécias de uma fazendeira que, não se sabe como, conhece todos os segredos do music-hall e triunfa na Broadway, levada pela mão de um "book-maker" e dono de um "night-club". Como não podia deixar de ser, surge um romance entre ambos, atrapalhado pela polícia e pela ex-namorada do rapaz. Mas tudo acaba bem, para felicidade de todos. A direção é tão fraca quanto a história. Os bailados e canções entram para encher o tempo. Agradam apesar da falta de originalidade. O melhor de tudo é a espontâneidade de Mitzi Gaynor; quanto ao galã, Scott Brady, passa o filme posando diante da câmara. Os outros comparecem para fazer número.

O GAÚCHO

2½

Servido por uma história falsa e convencional, Jacques Tourneur graças à sua habilidade de diretor, consegue salvar "O Gaúcho" de um desastre total. O herói é o gaúcho, como poderia ser um "cow-bóy", ou outro indivíduo habituado à vida livre de qualquer canto da terra ainda não tocado pela civilização. A trama se assemelha a tantas outras que estamos habituados a ver, com um romancezinho vulgar entre o moço rude e a jovem da cidade, namorada do irmão de criação que é também anjo da guarda do mocinho. O rapaz mata, é prêso, alista-se no exército. Aí encontra o vilão, muito mau, que o coloca numa situação terrível forçando-o à deserção.

Depois de uma fuga acidentada, onde o gaúcho arrosta uma série de perigos, inclusive enfrenta um tigre — em péssimo truque fotográfico — acaba voltando e se entrega ao vilão que, no fim das contas, não é tão ruim assim. O espectador fica com a esperança de uma felicidade para o par romântico, depois de uma temporada na penitenciária.

Rory Calhoun, no papel principal, pouco faz. Gene Tierney está comum. Richard Boone muito bom no vilão, enquanto que Everett Sloane (o guitarrista) impressiona numa ponta.

Bonita a fotografia em tecnicolor e muito inspirada a partitura musical de Sol Kaplan.

PRÉ-ESTRÉIAS

BRINQUEDO PROIBIDO

(Presenciado no Cine ópera, de Buenos Aires)

5

Figura entre as raras obras-primas que o cinema tem revelado neste último decênio. A origem é um romance de François Boyer: «Jeux interdits». São eminentemente naturais os acontecimentos escolhidos pelo autor. Porém, a expontaniedade da concepção converte-se em grandeza. De tal forma isto ocorre que são imprevizíveis certas reações individuais no tocante ao conteúdo. Tudo porque o tema tanto inclui dolorosos aspectos da existência quanto busca o sentimento. Entretanto, as imagens fixaram com excepcional sentimento êste último ângulo. Conseqüentemente, analisado em um todo, o triunfo tem de recair no extraordinário sentido humano. A simplicidade transporta mais fàcilmente os pensamentos ao contacto do belo.

Trata-se de um dêstes casos em que necessário se torna ambientar, sintèticamente, com o rumo inicial das imagens. Um par de crianças brinca de contar histórias. O menino figura as principais personagens, também menores, como se fôssem êles próprios. Toma um livro e passa a descrever o caso de uma pequeninha que se encontra em meio de uma estrada, com a massa em fuga a um ataque aéreo. Arriscando-se para salvar o seu adorado cachorrinho torna-se a causa indireta e inconsciente para que os pais sejam vítimas das balas de um dos aviões. Sòzinha, a única coisa que pode carregar consigo é o pequeno cão, também morto. Nesta triste situação, encontra-se com um menino, também só, que se compadece do acontecido. Leva-a para a casa dos seus pais, camponeses em uma fazenda, onde é recolhida. A amizade pura das duas crianças, de cêrca de seis anos, desponta e floresce através do ambiente de morte que cerceia a região. Em nenhuma outra passagem voltam as imagens a fixar acontecimentos ligados à carnificina. Os intentos simbólicos do romancista objetivam, simplesmente, o que se passa no íntimo das crianças. Grande parte das ocorrências partem dos pensamentos que despontam à menina, em volta de motivos ainda desconhecidos para o seu mundo.

Impressionada, por exemplo, com os cemitérios que os adultos construíam para os mortos exige, do garôto, um outro, para os animais mortos. Assim, elegendo um local escondido — um porão — a idéia é posta em prática e tem início, precisamente, com o cadáver do cachorrinho. Advêm muitas curiosidades porquanto a menina, imperiosa, impõe que as cruzes sejam autênticas, retiradas do próprio cemitério local. Assim prossegue a concepção, procurando refletir a límpida alma das crianças frente aos tumultos dos maiores. Em tudo, as idealizações são transparentes de pureza e, assim, passa à tela, por intermédio de uma maravilhosa direção.

Constitui um autêntico toque de magia o trabalho do cineasta René Clement. Fatôres psicológicos e humanos foram aliados em redor de duas criança e nasceu uma inesquecível orientação. Realismo, emoção, tragédia, humor, lirismo foram reunidos sob uma dominante atmosfera de ternura. A composição plástica sempre funcional, adequada à simplicidade do conjunto, o mesmo acontecendo à fotografia de R. Juillard. Entretanto, neste ajuste da técnica com a emoção, seria impossível esquecer a beleza da partitura composta por Narciso Yepes. A delicadeza dos temas musicais ajusta-se a dos solos instrumentais, sempre emotivos, sutis e precisos.

Outra poderosa fôrça do filme é a parte interpretativa. Em tôda a história do cinema, mesmo incluindo os filmes restrospectivos a que assistimos, jamais um desempenho infantil superou o de Brigitte Fossey neste grande filme. A menina mostra-se simplesmente genial. Fica-se a pensar como foi possível retirar tanto de tão pequena criaturinha. Foi um caso de inteira justiça, o do júri do Festival de Cannes, de 1952, quando outorgou o Grande Prêmio Feminino do Cinema à menina que, assim, suplantou tôdas as suas colegas adultas, de tanto renome. Nos demais intérpretes, observa-se o mesmo influxo diretorial. Estão todos notáveis: Georges Poujouly (o companheiro da menina) vem em segundo e Lucien Hubert (Dollé), Suzanne Courtal (Mme. Dollé), Laurence Badie (Berthe) e, inclusive, os coadjuvantes. UM FILME QUE DIGNIFICA O CINEMA.



A expontaneidade da genial intérprete desta autêntica obra prima, Brigitte Fossey, dificilmente será esquecida. Não recordamos, de qualquer fase do cinema, de outro desempenho tão natural quanto o de Brigitte. Não há adjetivos que a distingam.





Eis um feliz traço de J.B. expressando. perfeitamente. James Finlayson. o inventor do olhar «double take».

A CENA FINAL

FALECERAM MILLARD MITCHELL E JAMES FINLAYSON

Telegramas procedentes de Hollywood nos comunicam a morte do comediante James Henderson Finlayson.

Finlayson era natural da Escócia, onde nasceu em 1887. Já em 1917 vamos encontrá-lo nos Estados Unidos, dedicando-se à comédia cinematográfica, na troupe de Mack Sennett, ao lado de Al St. John, outro cômico que se tornou famoso. Por volta de 1921 Finlayson ingressou na «Sunshine Comedies», atuando com St. John, «astro» da companhia, e outros nomes famosos, além de vinte e quatro «Sunshine Bathing Beauties», que faziam concorrência às banhistas de Mack Sennett.

Com o advento do sonoro, Finlayson trabalhou ao lado de «O Gordo e o Magro» nas comédias que êles fizeram para Hal Roach.

Finlayson foi o primeiro comediante a empregar o olhar «double take». Fixava primeiramente um ator nos olhos, e depois virava-se indiferente, olhando, outro artista, no espaço de um segundo. Em seguida, ràpidamente, voltava a olhar o primeiro indivíduo, fazendo-lhe uma careta como se só então viesse a se aperceber da sua presença.

Êste recurso, de hilaridade certa, passou a ser parte obrigatória do repertório de todos os comediantes.

Não fôssem os longos anos de vida que Finlayson dedicou ao cinema, nem seu irresistível talento de comediante, bastar-lhe-ia o título de inventor do olhar «double take» para que êle passasse à história da sétima arte.

—o—

Morreu Millard Mitchell, o ator cubano radicado nos Estados Unidos, com a idade de cinqüenta anos, vitimado por um câncer na garganta.

Mitchell começou sua carreira aos vinte e dois anos, como bilheteiro de um teatro da Broadway. Como nas histórias de cinema, um dia substituiu um ator doente, trocando o «guichet» pelo palco.

Era dêsses atores modestos que nunca chegam a «astro», mas que, sem grandes oportunidades, deixam em nós a certeza de sua capacidade artística. Esquecemos grandes nomes que passaram pelo cinema, mas jamais aquêle atuante que aparece em poucas seqüências.

O fã não sabe se êle se chama Smith ou Brown, mas pode reconhecer sua fisionomia familiar em quase todos os filmes. Pertence à grande legião de talentos que não tiveram os nomes escritos com letras berrantes nos cartazes ou nos anúncios a gás neon.

Era, geralmente, o bom amigo do «astro» principal, sempre disposto a ajudar. Atuou com Gene Kelly em «Cantando na Chuva», foi o sócio de Richard Conte no bom espetáculo «Mercado de Ladrões», de Dassin, o repórter de «Fatalidade», e recentemente apareceu em «Meus seis criminosos», um dos seus melhores trabalhos.

Qual o freqüentador de cinema que não terá guardado com carinho aquela figura simpática sem mesmo conhecer-lhe o nome?

(Cont. na pág. 34)



Millard Mitchell, que se vê ao centro, em um precioso instante de «Meus seis criminosos», produção de Stanley Kramer e muito bom filme.

LORY NELSON



Lori Nelson vai ser lançada, pela Universal, como uma das suas principais «estrêlas». O seu filme de estréia é «The All American», com Tony Curtis, seguindo-se «Tumbleweed», com Audie Murphy, ambos da U.-I.



Ester de Abreu vem sendo altamente distinguida nos EE.UU.

CENA RADIOFÔNICA

MARIA HELENA

★ Quarenta anos de atividades artísticas completou a consagrada atriz Sara Nobre.

★ «E' o maior» é o novo mambo gravado por Emilinha Borba.

★ Alberto Ruschel o galã de «O Cangaceiro» estêve no Recife, numa temporada ao microfone da Rádio Jornal do Comércio.

★ O cantor José Tobias gravou de Hervê Cordovil «De tanto acreditar».

★ Carlos Galhardo gravou a bonita «Uma casa portuguêsa».

★ Ester de Abreu foi conhecer os Estados Unidos, sendo recebida na Flórida pelo próprio prefeito da cidade Mr. Saphiro.

★ A Mayrink lançará já a 15 de dezembro programas carnavalescos...

★ José Renato passou a diretor de programa da Rádio Mauá.

★ Linda e Dircinha Batista voltaram ao cinema e participaram no filme da Flama, «Carnaval em Caxias».

★ A Rádio Difusora do Paraná Ltda. conseguiu licença para instalar uma estação rádio-difusora, de ondas tropicais, na cidade de Londrina.

★ Em março próximo embarcará para a Europa a consagrada cantora Ângela Maria, onde atuará na «boite» «Trocadero». Voltará ao Brasil sòmente em setembro, depois de haver passado pela Argentina, Chile e Uruguai.

CINE-RESPOSTAS

Tôda a correspondência para esta secção deverá ser dirigida a «Cine-Respostas».

ADELMAR ALVES DE OLIVEIRA (Recife) — Logo no primeiro número desta nova fase de «A Cena» e o seu pedido sôbre críticas de filmes foi atendido. Identidade de pensamentos. A questão do atraso, em Recife, vai ser comunicada à gerência.

«FÃ CLUBE MARLENE» (Rio) — Gratos pelo convite. Infelizmente, assumimos «A Cena» após a festa.

JOSÉ BORBA (São Paulo) — Gratos pelos cumprimentos. A nova orientação de «A Cena» vai procurar, dentro do possível, atender a todos. Quanto a sua lista, vamos transmitir a todos os que mantêm ligações ou correspondência, direta ou indireta (agências e estúdios). Entretanto, não é possível publicar a relação, por ser demasiadamente longa.

MARLENE MOURA (Realengo) — Embora não possamos garantir que seja exatamente sôbre o aniversário, o fato é que o seu pedido será, dentro em breve, atendido.

JUVENAL TELESFORO OLIVEIRA (Lajinha, Minas) — «A Cena» agradece os cumprimentos.

«FÃ DE MARLENE» (Curitiba) — Leia acima, em Marlene Moura. A resposta é a mesma. Grato.

ROSALI SANTOS (Curitiba) — A capa solicitada está no «index». Questão de tempo e de uma boa foto.

DURVALTÊNCIO DE ARAÚJO FONSECA (Bahia) — Aproveitamos a sua gentil carta para esclarecer aos demais leitores de que, a partir da presente data, nesta nova fase de «A Cena», não há compromissos de prêmios para a secção «Página do leitor». Quanto aos que foram instituídos há tempos, por outras orientações, certamente estão extintos. Entretanto, ainda que em resumo, «Página do leitor» passará a publicar a opinião de quantos escrevam assumindo, assim, um sentido liberal. E' intuitivo que nada de ofensivo se encontre nos conceitos emitidos.

SÍLVIO MACHADO VIEIRA (Florianópolis) — E' pensamento da direção de «A Cena» vir a publicar páginas coloridas, dos grandes atores, destinadas aos álbuns dos «fans». Aguarde um pouco e grato pelas referências.

PAULO LEONEL (Bauru, São Paulo) — Na correspondência em atraso, encontrei as suas músicas. Envie o enderêço dos interessados.

NILCE SOARES (Belo Horizonte) — Encontrei apenas a carta. O seu pedido foi atendido. Caso contrário, poderá novamente enviá-lo não com o compromisso de publicação e sim para anexá-lo ao fichário de um dos nossos estúdios. Quanto ao resto, poderá haver uma surprêsa, até mesmo, em breve, na sua própria cidade.

CÍCERO LOPES (Lajes, Santa Catarina) — As reportagens de que fala no final da sua carta dependem de oportunidade e material adequado. Grato.

CLUBE DE CINEMA (Marília, São Paulo) — Agradecemos e estamos às ordens para novas oportunidades.

ZULIMA FURTADO LEITE (Belo Horizonte) — Há pouco, «A Cena» publicou notícias e fotos do seu «astro» predileto. Pelo motivo de encontrar-se na Europa é fácil compreender a dificuldade do assunto.

GIL BENÉ (Bauru, São Paulo) — Não sairá o álbum de «A Cena» porque, em breve, serão criadas páginas coloridas, internas, apropriadas para esta finalidade.

WILMAR GUTTIERREZ DO PRADO (Campo Grande, Mato Grosso) — Não tivemos mais notícias da filmagem. Difícil o contacto com os produtores. Mais fácil, com o seu esfôrço, apresentar-se diretamente, caso tudo se realize. E' o que desejamos.

GLÓRIA MARQUES (Rio) — A reportagem que será feita não deixa de ter ligação com o seu caso. A partir de um dos próximos números: «Quantas vêzes divorciou-se a «estrêla»? Para melhor ilustrar, as fotos ideais são precisamente as dos momentos românticos!

INEZ S. (Caxias) — A secção por que se interessa vai sofrer uma transformação. Aguarde.

MARIA LUÍSA BRASIL (Pôrto Alegre) — Infelizmente, não enviamos letras de músicas aos leitores. Fugiria às finalidades principais da revista.

FLAVIANA GINIO (Salvador) — Anotamos o pedido.

MARIA TERESA DE ARAÚJO (Rio) — Embora não diretamente e apenas da peça em questão, mas o fato é que a sua querida será entrevistada.



Um dos momentos culminantes do bom espetáculo.

TEATRO

O. DE OLIVEIRA

Ao assumir a crítica teatral, por dever de justiça, desejo reverenciar a arte e a dedicação de Rodolfo Mayer. Por uma série de motivos, inclusive por ter estado ausente do país, sòmente agora foi possível ter o prazer de assistir a «El baile», de Edgar Neville, traduzido por Brício de Abreu. Primeiramente, cabe um registro pelo alto sentido profissional do elenco. Após mais de dois meses de espetáculos, causou admiração o esfôrço e zêlo interpretativo dos seus integrantes. Atuavam com o mesmo empenho como se tratasse de uma estréia. Precisamente o contrário ocorre com muitos dos nossos elencos que, com o decorrer do tempo, vão disvirtuando a peça e os desempenhos. A peça de Neville é convencional. Além do defeito de repetir muito os motivos, chega a redundâncias no terceiro ato. Entretanto, foi escrita com finura e sensibilidade a ponto de, freqüentemente, conseguir esquecer os pontos frágeis. Basta dizer que, particularmente no segundo ato, prodigaliza uma emocionante atmosfera de beleza. Esta sensação, inegàvelmente rara, parte do conteúdo da obra e prossegue na forma. A harmonia dos intérpretes tem o seu ponto alto em Rodolfo Mayer, sem dúvida, grande intérprete e diretor. Sòmente quem tenha logrado um nível íntimo superior e espiritual poderá obter a transmissão que logra Rodolfo. André Villon consegue aproveitar a oportunidade e obter o maior desempenho da carreira. Lourdes Mayer não possui o tipo físico e interior que o papel requeria. Contudo, esforçando-se, consegue suprir o fato e não desmerecer da tão apreciável unidade obtida pela direção. Enfim, bom espetáculo de teatro.

DISCO-NOVIDADES

EDEL NEY

Repercutiu o mais favoràvelmente possível, entre os diretores de nossas fábricas de discos, a recente medida adotada pelo Govêrno, com relação aos discos «long playing» importados pelas firmas do ramo, colocando-os entre os artigos de 5ª categoria, para efeito cambial, o que os elevará em mais de 100% tornando, portanto, mais accessíveis, os discos prensados no Brasil.

Os proprietários de gravadoras brasileiras estão perfeitamente de acôrdo de que sòmente as matrizes estrangeiras sejam importadas, efetuando a prensagem dos discos nas fábricas já existentes no país, e que já são em número suficientes para atender ao consumo de nossos mercados. Tal medida, não há dúvida, apenas virá favorecer a indústria fonográfica brasileira, salientando-se, à propósito, que está dentro da atual orientação político-econômica do Ministro da Fazenda, traçada com o objetivo firme de evitar a infração.

★ A «estrêla» italiana Francà Fenati, que foi conquistada pela Copacabana, quando de sua última temporada no Rio, apresentou mais um disco. Os números são: «Viale D'Autuno», «beguine», de G. D'Anzi e «Per um bacio d'amor», valsa de Ravasini e Fredianeli.

★ Voltou ao ar, depois de ligeira interrupção, o programa «Ao encontro da música», produzido pelo compositor Haroldo Eiras e pelo cronista Jaime Negreiros. A estréia foi comemorada com um «cocktail», ao qual compareceram destacadas figuras de nosso rádio.



Haroldo e Negreiros, responsáveis pelo programa: «Ao encontro da música».

PÁGINA DO LEITOR

direção de "LONG-SHOT"

Pat Hardy, nova atriz da Universal que se está fazendo com rapidês, com sugestões de modas. A produtora tem esperanças no seu futuro.



Semanalmente, "A CENA" publicará na integra, as melhores colaborações enviadas. Para maior estímulo, e desde que venham em têrmos, de todos os restantes trabalhos serão aproveitados alguns trechos. Há necessidade de que os originais sejam escritos a máquina (espaço dois) e não excedam de página e meia. Não há compromisso das publicações manuscritas e, se assim ocorrer, será, invariàvelmente, apenas de um ligeiro periodo. Não haverá devoluções de trabalhos nem prêmios em dinheiro e, sim, pequenas lembranças no final do ano de 1954, para os dois mais destacados colaboradores. Desta maneira, estimula-se o aproveitamento de valores que, eventualmente, poderão pleitear o seu concurso em órgãos da imprensa. Tôda a correspondência da seção deverá ser endereçada a "LONG-SHOT", "Página do Leitor".

REALISMO E ARTE

Do cinema mudo para o cinema falado, muitas foram as modificações sofridas, transformando a cinematografia em diversas modalidades de setores, cada qual em evidência em determinados órgãos, comprovando a afirmativa de que "cinema é equipe". O realismo está enquadrado no setor que chamamos de gênero, isto é, pertence ao chamado tipo de filme que varia segundo o gôsto de cada espectador.

Antigamente era muito raro ver-se realismo na tela, pois a censura sempre exerceu influência direta no que diz respeito ao cinema, mormente o cinema americano, de cuja diretriz tanto sofreram as demais cinematografias mundiais. Porém, o que chamamos de realismo está muito distante do que estamos vendo atualmente, onde os chamados filmes "neo-realistas" abusam do direito de mostrar a vida como ela realmente é, nem sempre com os requesitos necessários à uma arte. Esta sim, é sempre capaz de encobrir a imoralidade através de um estudo forte e detalhado de quaisquer obras que procurem a realidade como base.

O cinema é uma arte ainda jovem, comparando-a com as demais. Grande tem sido a luta dos cineastas para elevá-la em igualdade com as outras, e, quase sempre o tem conseguido. Diretores de renome muito contribuíram para o elevamento definitivo da sétima arte com obras importantes, tanto socialmente quanto cinematogràficamente. A escola francesa é a que tem mais concorrido para a justaposição da arte com a realidade. Seus filmes revelam, geralmente, o lado mais pessimista da vida; seus personagens são incessantemente contaminados pelas intempéries de suas esquálidas existências. Prostitutas desiludidas; artistas fracassados em seus ideais; moças em busca de uma remediação para seus erros; homens vivendo incertamente o amanhã; crianças lutando quando deviam brincar. No cinema francês, como no italiano, no sueco e no bom cinema mexicano, o sofrimento ganhou a sua glorificação de uma maneira valiosa, porque êsse mesmo sofrimento é apresentado artìsticamente.

Cineastas como Jean Renoir, Alberto Lattuada, Marcel Carne, Pietro Germi, Emilio Fernandez, Geza Radvany e tantos e tantos outros, compreendem o que significa o realismo dentro de uma arte e, por isto procuram autenticidade acima de tudo. Todavia, é muito perigoso para uma realização cinematográfica abusar da realidade, pois pode cair no ridículo, inopinadamente. A vida diária tem coisas irrisórias no seu desenrolar; captá-las sem maestria, corre o risco de perder-se na mediocridade. E sendo o cinema uma arte essencialmente popular, seus realizadores devem, antes de mais nada, desprezar o grotesco e penetrar na psicologia daqueles que vêem na tela as suas principais emoções.

Filmes como "Manon", de Cluzot — "Caminho da Esperança", de Germi — "Mulheres sem Nome", de Radzvany, atestaram a capacidade de seus realizadores em conduzir a realidade encoberta pelos seus caracteristicos e personalíssimos métodos narrativos. E nenhuma das películas citadas pode ser apontada como imorais pelos seus conteúdos; ao contrário, são obras-primas da cinematografia.

Geraldo Edson

A INESQUECÍVEL JUDY

Judy Garland, a ex-menina prodígio da "Metro", que, recentemente, arrebatou o público de Londres, em sua apresentação, no "Palladium", demonstrando que sua popularidade continua inabalável, infelizmente para seus incontáveis fãs, ainda não resolveu voltar ao cinema. Talvez seja o receio de que, com seu retôrno às atividades cinematográficas voltem os dissabores, as crises nervosas que tanto a fizeram sofrer, alguns anos atrás, levando-a mesmo a tentar o suicídio por duas vêzes.

A popularidade custou tanto à pobre Judy!

Já vai longe o tempo que ela nos encantava com a sua presença, com a sua maravilhosa voz, por exemplo, em "O Mágico de Oz", lembram-se?

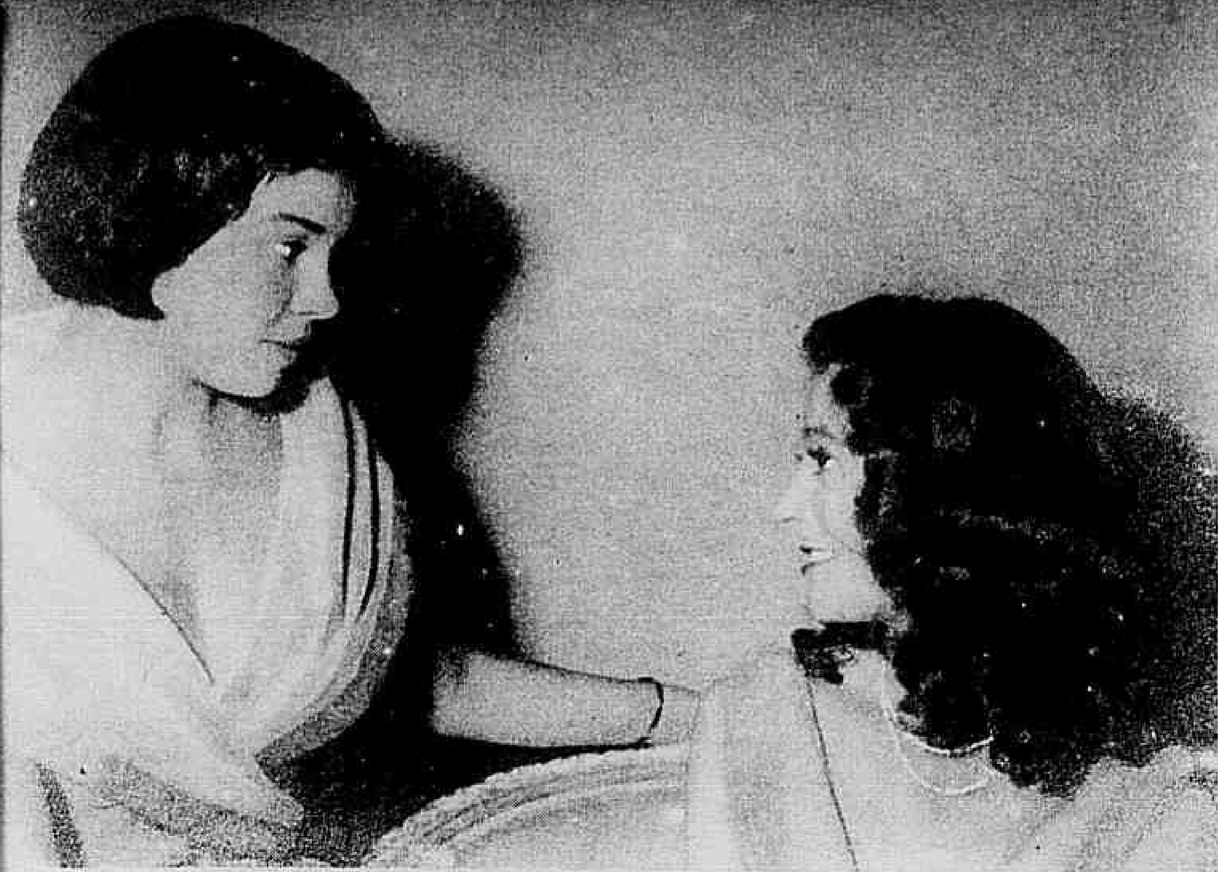
Depois vieram os filmes da série Andy Hardy com Mickey Rooney, comédias deliciosas como "Lili, a Teimosa", atingindo nessa época a melhor fase de sua carreira. Aí, então, foi considerada uma das dez "estrêlas" mais populares de 1941, ao lado de cartazes como Greer Garson, Bing Crosby etc.

Até no drama ela fêz sucesso! Imaginem: Judy Garland sem cantar! Pois foi o que aconteceu em "O ponteiro da saudade", com o falecido Robert Walker, um belo filme. Entre outros trabalhos, "A Filha do Comandante", "As garçonetes de Harvey", "Quando as nuvens passam", "Agora seremos felizes", "O pirata", "Desfile de páscoa", "Minha vida é uma canção" e "Casa, comida e carinho" foram filmes inesquecíveis.

Divorciada de Dave Rose e Vicente Minelli (que é pai de sua filha Liza), tem por atual marido o produtor Sid Luft.

Já foi anunciado, por duas vêzes, o reaparecimento de Judy, desta vez na Warner, num filme cujo "script" seria escrito especialmente para ela.

Melhor notícia não poderia haver para os fãs da querida cantora. Esperemos que



Durante as filmagens de «Lili», Moira Shearer e Leslie Caron tornaram-se muito amigas. Aliás, ambas bailarinas, embora de gêneros diversos, já significava um elo favorável.

se realize para têrmos de volta as telas a fabulosa Judy Garland.

Caio Sérgio Hamilton

FRANK BORZAGE

Hollywood não vive apenas das glórias dos seus "astros" e "estrêlas". Existem os diretores, fotógrafos, "extras". um mundo de heróis menos famosos. Entre os mais célebres que, daria margem para encher várias páginas da "CENA MUDA", falarei hoje de um diretor. Frank Borzage, velho conhecido, dos tempos da dupla Janer Gaynor — Charles Farrel. Borzage era conhecido através os seus filmes como o diretor que dirigia poemas sublimes. E, se a publicidade afiançava, os seus filmes vinham a confirmar. Da sua longa carreira como diretor tivemos "O anjo das ruas", "O sétimo céu", "O primeiro ano", "Estrêla ditosa" todos com a dupla Gayon-Farrel. "Liliom", "O rio da vida", "Êles tinham que ver Paris", com Farrel-Mary Dungan. Também com a dupla James Dunn-Saly Eilers fêz "Depois do casamento", "Casar é bom", "Espôsas de médicos". Dêsse tempo ainda dirigiu filmes como "Sem lar e sem rumo", "Sacrifício de pai", "Quereis enriquecer depressa", "Dolorosa renúncia", "O preguiçoso", "Tribulação", "A grande dama", "Segredos", com Mary Pickord. "A idade dos desejos", "O Lírio do lôdo", "Viver é lutar", "Os dois laços", "As três vinganças", "Espôsas em greve", "Lágrimas e sorrisos", "Canção de amor", "Adoração de mãe", "O nono mandamento".

Com o advento do cinema falado Frank Borzage continuou dirigindo, embora com menos prestígio, do que no cinema mudo, sendo dêste novo período os filmes "Um lírio na cruz", "O pirata dos sete mares" (Paul Henreid); "No limiar da glória", com Spencer Tracy; "Noivas do Tio Sam", com um grande "cast"; "Almas rebeldes", com Joan Grawford; "Deuses de barro". com Doroth Lamour; "Manequim" com Grawford, "Três camaradas", com Margaret Sullyvan, Robert Taylor; "Labirinto do destino", com Luise Rainer, Spencer Tracy; "Miss Generala", com Ruby Keler; "Viva a Marinha" com James Cagney; "Vale a pena viver?", com Margaret Sullyvan; "Paraíso de um homem", com Spencer Tracy; "Adeus as armas", com Gary Cooper, Helen Hayes; "Tempestade dalma", com Margie Sulavan; "A História começou a noite", Charles Boyer; "No portal da vida"; "Desejo"; "Segredos" (nova versão), "Ao cair da noite"; "A última esperança"; "A irmã do mordomo"; "Sempre te amei"; "Um cavalheiro do sul", com Frank Morgan; "O amor que não morreu", com Norma Shearer; "Sete noivas"; "Asas nas trevas"; "Luz da esperança"; "Vivendo em veludo"; "Corações divididos"; "O cantar do meu coração"; "A mulher do outro" etc.

Muitos "astros" e "estrêlas" passaram pelos filmes de mr. Borzage, julgo entretanto, que os seus melhores artistas foram as duplas Gaynor-Farrel e Farrel-Dungann. Borzage pouco dirige atualmente, cedeu seu pôsto a outros mais novos.

A. Durvaltécio de Araújo Fonsêca

A CRÍTICA DO POVO INFLUI MAIS

"Inegàvelmente, a Vera Cruz e a Multi Filmes, cuidam muito bem das suas produções. Embora não tenham, ainda, apresentado grandes filmes, conseguiram, entretanto, o que nenhum outro produtor brasileiro ainda havia conseguido: que o espectador acatasse o filme, que não zombasse das cenas dramáticas, que não saísse do cinema apontando falhas e fazendo as mais tristes críticas. Por que atacá-las?

Porque atacar Cavalcânti que veio para o Brasil, sua pátria, para trabalhar pela indústria de cinema

Até o Luiu de Barros, deixem-no fazer seus filmes, em duas semanas apenas. No dia que êle apresentar um filme bom, o patriota, que não perde filme brasileiro, o espectador distraído, que entra no cinema sem lhe ver o cartaz, se encarregarão de propagar a notícia e o filme começará a ser procurado".

Paulo Gustavo (Rio)

A SÉTIMA ARTE NA ITÁLIA

"Evoluíram muito os italianos. Trabalham com estilos e gêneros os mais diversos, em grau de vitalidade que explica a vantajosa posição do cinema, junto as outras indústrias. O avanço de quantidade não parece prejudicar o fator qualidade. É verdade que nem todo o filme exportado é de primeira classe mas, as obras primas que surgem, de quando em vez, compensam estas deficiências".

A. Jurandir Moura Silva (Patos)

TYRONE POWER

"Tyrone Power ganha o maior prêmio que um artista pode desejar: os aplausos e a admiração expontânea dos fãs do mundo inteiro. Que mais pode desejar um artista se o espectador o aclama, se as platéias lhe batem palmas e se os rivais o respeitam? Assim, não importa que ainda não tenha alcançado o ambicionado "Oscar"

A. Dantas (Salvador. Bahia)

O HOMEM DOS PAPAGAIOS

"Esta comédia traz um cartão de valor: a presença de Procópio Ferreira, veterano dos palcos e artista de indiscutíveis méritos. Lembremo-nos da mudança de voz que se opera do sorveteiro, ao Dr. Epaminondas e vejam como Procópio encarna a personagem em tôdas as situações, cômicas ou dramáticas com espantoso realismo".

Jaime Pereira da Silveira (Recife)

ILKA SOARES

"Uma das melhores atrizes do cinema nacional é Ilka Soares". Estreou no filme "Iracema", extraído do romance de José de Alencar. Havia sido modêlo de um dos estabelecimentos do Rio. Chegou a ser indicada a fim de representar o Brasil em Paris e tão sòmente por causa do cinema, para tomar parte em "Echarpe de sêda" que perdeu esta grande oportunidade de expressar a beleza do nosso país, da qual é legítima intérprete."

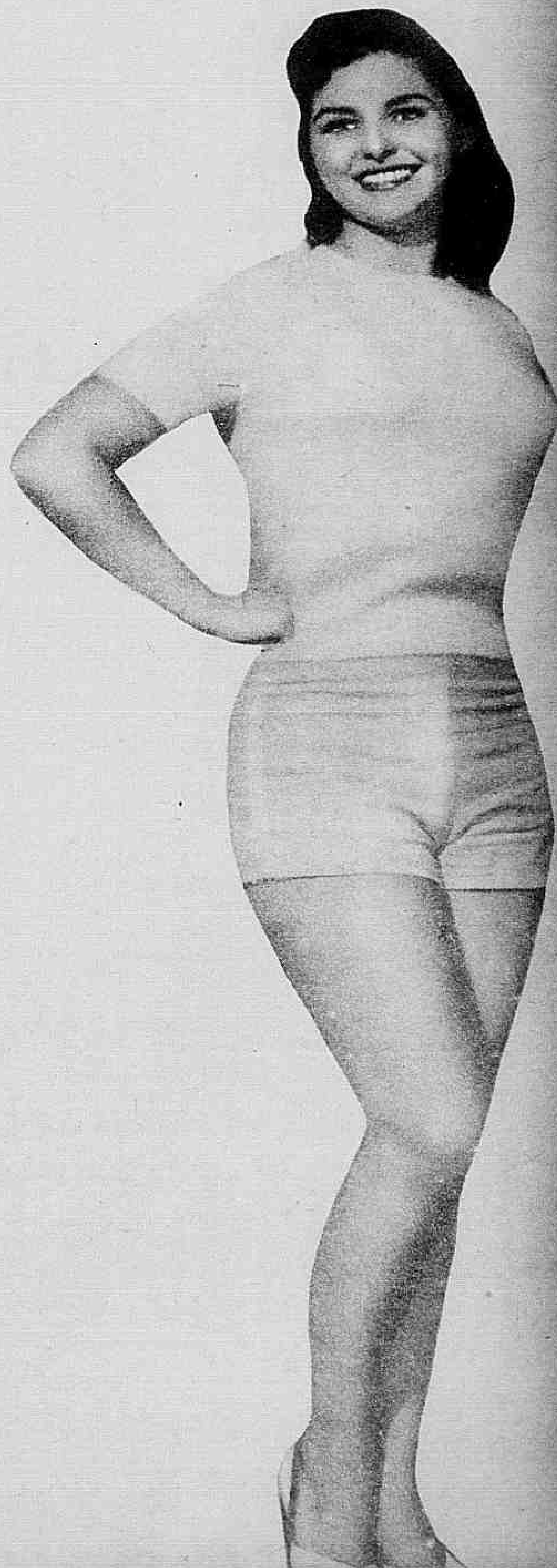
Antônio Lima (Est. Coronel Quito, S. Paulo)

BETTE DAVIS

"A maior atriz dramática de Hollywood, verdadeiro gênio da arte de representar, conquistou mais um triunfo, com o seu último filme "A estrêla", ao lado de Sterling Hayden. Os críticos americanos dizem maravilhas dêste trabalho."

Caio Sérgio Hamilton (Rio)

Piper Laurie traz sugestões para as praias.



OS MAIORES FILMES DO OESTE...

(Continuação da pág. 17)

dezessete anos era êle ator, cantor e dançarino. Em 1909 comprou terrenos nas montanhas de Santa Monica e começa a realizar aí seus primeiros filmes de "far-west". Arregimenta índios e "cow-boys", levanta um estúdio que ficou conhecido como Inceville. A cidade do oeste que fêz construir em 1913 é o primeiro grande cenário construído no "exterior".

Como Ince, outros grandes diretores americanos não resistiram à tentação de fazer pelo menos um "western". Griffith por duas vêzes aventurou-se no gênero, com "Os mártires de Alamo" (1908) e "O massacre" (1912) em tôrno do regimento Custer. Até o velho De Mille esqueceu o "espetáculo" para aderir ao gênero, com "The plainsman" (1936), rendendo sua homenagem a Bill Cody.

Entretanto, foi, ainda, na época áurea do cinema mudo, que James Cruze marcou um tento com a realização de "The covered wagon" (1923), que narra a saga dos pioneiros que seguiram a corrida para o oeste.

De Porter até hoje muitos anos se passaram, o cinema aprendeu a falar, sua técnica evoluiu, muitos astros absolutos deixaram de brilhar, novos ídolos foram criados. A popularidade do "western" continua firme, e nem os "gangsters" da década de trinta conseguiram abalá-la. O sonoro permitiu ao espectador ouvir o sibilar das balas, o urro dos índios, o galopar dos cavalos. Surgiu a moda dos "cow-boys" cantores (Tex Ritter, Gene Autry, Roy Rodgers) que tanto sabem empunhar a pistola como dedilhar a guitarra. A tradição do "western" se mantém graças a veteranos como Raoul Walsh e John Ford.

Walsh, como Ford, já antes de 1930 dedicara o melhor da sua arte ao gênero, dando-nos ótimos filmes. Ainda recentemente provou-nos que sua inspiração não estancou, com "Sua única saída" (Pursued, 1947) e "Golpe de misericórdia" (Colorado territory, 1949). O primeiro narrava numa atmosfera sombria, carregada, a história de uma rixa entre duas famílias do oeste. Os personagens sucumbiam ao pêso de um fatalismo esmagador, lutando em vão para escapar ao destino inexorável. As circunstâncias se avolumam como nuvens de tempestade, e o filme seguia um ritmo excelente até as últimas cenas mas, o final era decepcionante. Entretanto o ambiente de poderosa sugestão, o deslumbrante cenário natural, a música de Max Steiner nunca tão inspirado como então, fizeram de "Pursued" uma película impressionante.

"Colorado territory" foi uma refilmagem da história de "High Sierra" (41) dirigido pelo mesmo Walsh e interpretado por Humphrey Bogart e Ida Lupino. Modificada um pouco a história, a ação foi transferida para o oeste. Mais perfeito do que "High Sierra", "Colorado territory" encontrava sua fôrça na amargura. Mais uma vez o destino a perseguir o homem, que não logra escapar-lhe. O final atroz, mostra o homem sendo caçado como um animal selvagem. O amargor contaminava, até a ironia, a última frase do filme.

John Ford é considerado o mestre do gênero. Uma de suas obras mais representativas, o celebérrimo "No tempo das diligências" (Stagecoach, 1939), fazia o espectador seguir a acidentada viagem de uma diligência, aí por volta de 1885, junto à fronteira mexicana. Os exteriores foram rodados no deserto de Arizona, e no ataque dos índios à diligência, Ford usou autênticos Navajos. Esta sequência ultrapassou tudo o que tinha sido feito, até então, no gênero.

Com respeito ao seu "Paixão dos fortes" (My darling Clementine, 1946) há um detalhe muito interessante. A história do filme acusada de banalidade e convencionalismo era absolutamente real; os personagens ditos "standard", tinham realmente existido. Ford baseou-se numa adaptação honestíssima da obra biográfica "Frontier Marshall" de Stuart N. Lake dedicada a Wyatt Earp. Numa época em que no oeste, quem mandava realmente era o mais forte, Earp passou a vida viajando e fazendo respeitar a Lei.

Earp aprovou esta sua biografia pouco antes de morrer. No filme, tudo é autêntico, inclusive o combate final entre os irmãos Earp e Doc Holliday contra a família Clanton, episódio conhecido como "a batalha do OK Corral". Doc Holliday, médico no filme, era realmente dentista, e saiu apenas ferido na escaramuça, enquanto que no filme êle tem uma morte honrosa. De todos os personagens, o único fictício é o de Clementine Carter.

Por estranho que pareça, um dos maiores, senão o maior dos filmes sôbre o oeste já feitos, foge à regra geral do "Western". É o admirável "Consciências mortas" (The Ox-bow incident, 1943) de William Wellman, um libelo contra o linchamento, a que o diretor deu um tratamento vigoroso e viril. Desprezando a fórmula "cem por cento ação", os costumeiros assaltos às diligências, os índios, as cavalgadas desenfreadas, as danças e brigas no indefectível "saloon", Wellman criou o primeiro "western" verdadeiramente humano, revelando outra face das histórias do oeste, nova para o espectador.

Nunca outro filme do gênero apresentou drama tão intenso, exposto assim em imagens de tanta crueza. É uma obra que dificilmente será superada.

Por meio século o "far-west" tem servido de cenário a inúmeros filmes, algumas obras insignificantes. Contudo, apesar do tempo, continua inspirando películas tão nobres quanto a literatura saída da pena de um James Fenimore Cooper.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

A CENA FINAL. .

(Continuação da pág. 28)

Fêz, inúmeras vêzes, o proprietário do bar, o oficial superior nos filmes de guerra de há anos atrás, e o "sheriff" dos "westerns". Na sua longa carreira chegou a ser "partner" de Marlene Dietrich...

Últimamente vinha prestando também sua colaboração aos programas de televisão americanos.

Ainda êste ano foi eleito o "melhor ator coadjuvante" pela Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Hollywood.

Aqui fica, pois, a pequena homenagem de "A CENA" a Millard Mitchell.

As "estrêlas" na...

(Continuação da pág. 25)

vada é sociável: ela gosta de reuniões em casa, onde os homens cozinhem e as mulheres façam a limpeza depois. Seu marido é um dos maiores jogadores de "football" da América, e Jane gosta de dançar, nadar, jogar tênis e montar a cavalo.

Como pessoa Jane tende a ser acanhada, introspectiva, e possui grande senso de autocrítica. Admite ser impaciente — "Dirigindo, por exemplo, gosto de velocidade, mas fico furiosa com outras pessoas por isso".

Jane faz as coisas que quer, fácil, depressa e com competência. Descansa freqüentemente. Seu gôsto para roupas vai ao extremo: "elas são exóticas e ao mesmo tempo esportivas", diz ela. Compra às vêzes, cinco ou seis ensembles ao mesmo tempo. Prefere as côres vivas. E gosta de espaço. "Dê-me uma casa grande", diz ela, "com grandes quartos e grandes móveis". Constrói sua casa na mesma escala em que está construindo a sua carreira".

Filmes: "O Proscrito", "Young Widow", "O valente treme-treme", "Montana Belle", "It's Only Money", "Seu Tipo de Mulher", "Macao", "O filho do valente treme-treme", "Os homens preferem as louras", "The French Line".

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº......
NOME..............................
RUA.................... Nº.....
CIDADE............................
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

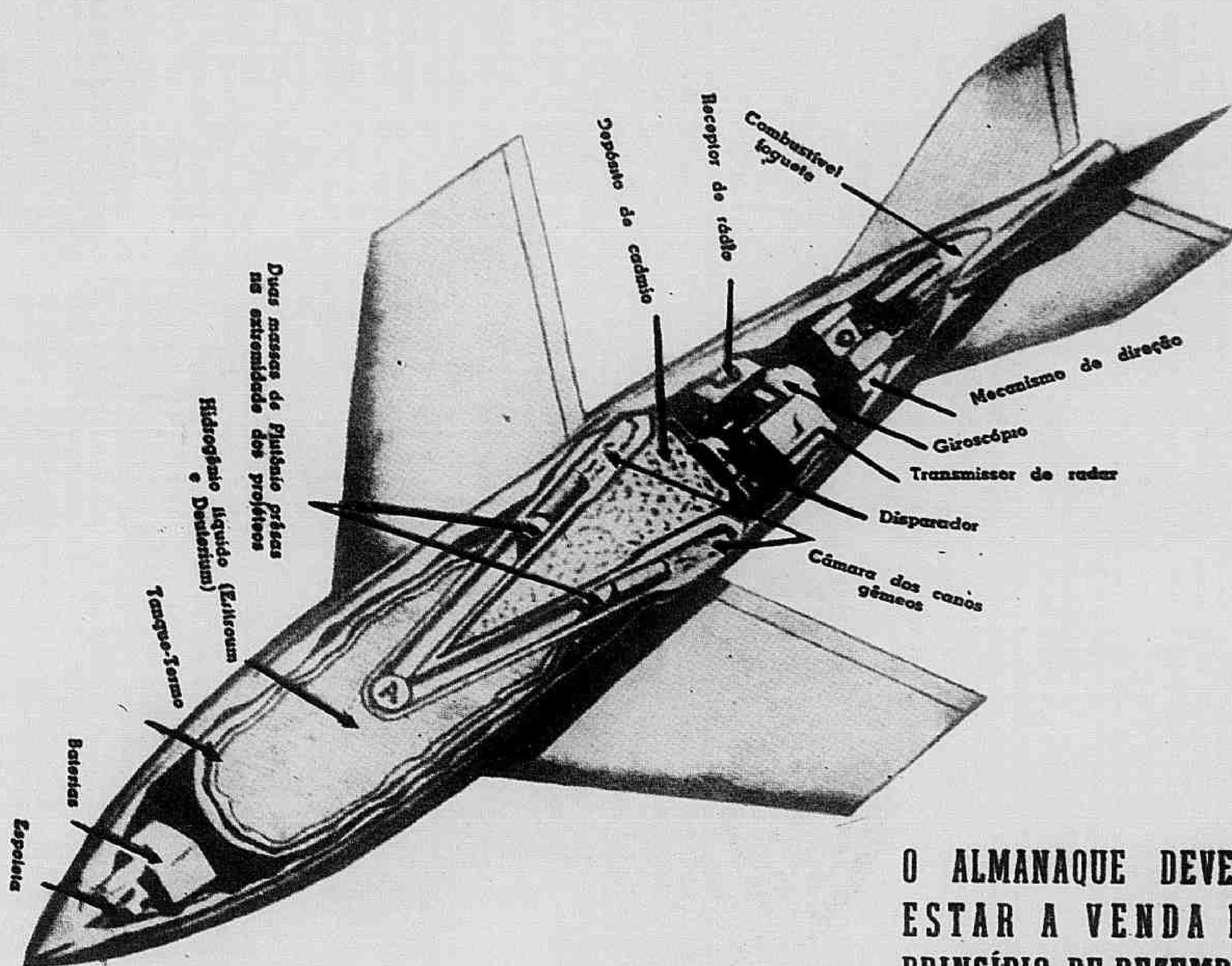
Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954



O ALMANAQUE DEVERÁ ESTAR A VENDA NO PRINCÍPIO DE DEZEMBRO

- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECANICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

LOJA-2 *Lojas da Perfumaria Meyer* LOJA-1

LOUÇAS — CRISTAIS — PORCELANAS
PRATARIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES

SALÃO DE CABELEIREIROS
PERFUMES — BIJUTERIAS









LOJA-3

CALÇADOS PARA
SENHORAS E
CRIANÇAS





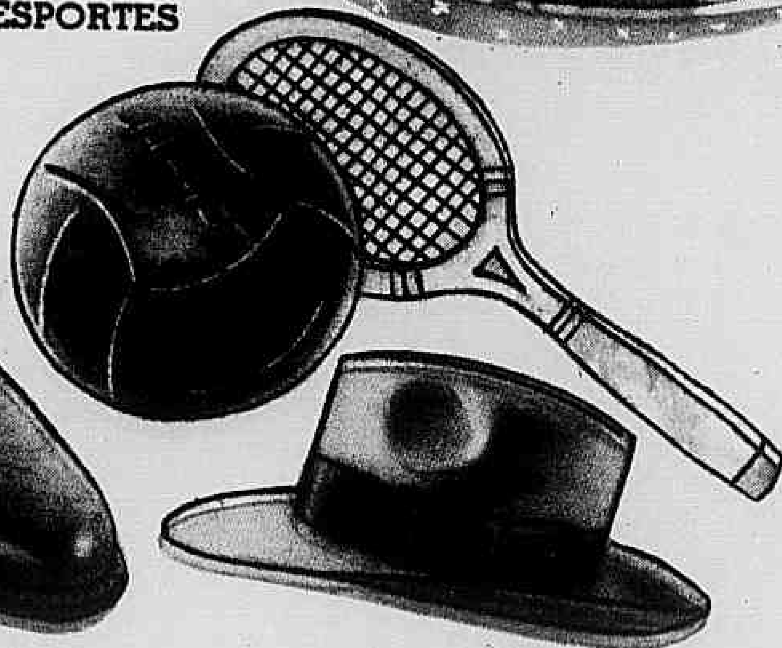
"Gloria in excelsis Deo"



LOJA-4

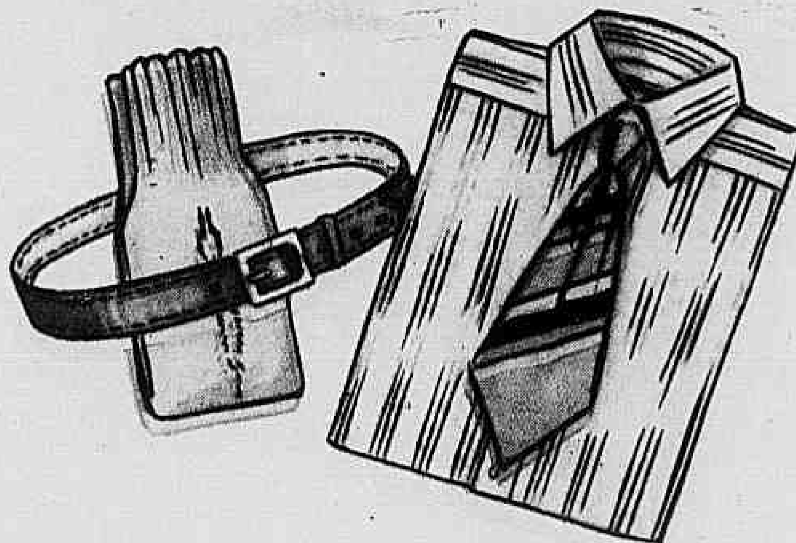
CALÇADOS E CHAPÉUS
PARA HOMENS
ARTIGOS PARA ESPORTES





LOJA-5

CAMISAS — PIJAMAS — LENÇOS
CINTOS — GRAVATAS — ETC.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA LTDA. — RIO

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29 1786

FABRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756